



Sistema **OCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 18 • JUL./AGO. 2015

SABER COOPERAR

A REVISTA DO COOPERATIVISMO

O FUTURO JÁ COMEÇOU

**EM NOVA
PETRÓPOLIS (RS),
COOPERATIVAS
ESCOLARES
CONQUISTAM
ESPAÇO ENTRE OS
JOVENS, COMO OS
DA COOAMSTAD,
QUE INCLUEM
O TRABALHO
NA ROTINA DOS
ESTUDOS**

PERSPECTIVA

RAMO AGROPECUÁRIO
CRESCER COM INCENTIVO
DE FINANCIAMENTOS
DO BNDES

VIDA NOVA

COOPERATIVISMO
APOSTA EM PROJETOS
DE RESSOCIALIZAÇÃO
DE DETENTOS



45

ANOS

OCB

O **cooperativismo** é o modelo de negócios focado no desenvolvimento econômico e social das pessoas. A **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** é a entidade representativa desse movimento, e atua há **45 anos** em diversas frentes com o objetivo de promover um ambiente favorável para o crescimento das cooperativas.



Contagiantes correntes do bem

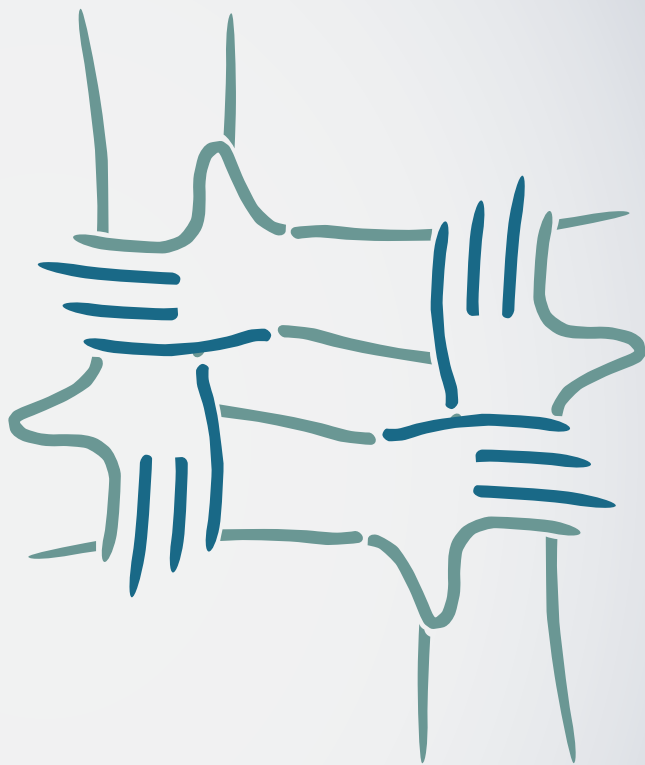
Encarar desafios faz parte dos fundamentos do cooperativismo. Oportunidades não faltam, principalmente em tempos de crise. Com foco nos preocupantes níveis de abastecimento de água no Brasil, as cooperativas têm se sobressaído em trabalhos de recuperação e manutenção de nascentes de água. Por empreender ações bem-sucedidas nesse setor, as paranaenses Cocari, C.Vale e Bom Jesus foram destaque no Prêmio Cooperativa do Ano e ganham espaço nesta edição.

Desafios também são a palavra de ordem de cooperativas da região Norte que investem na ressocialização de detentos. Bem-sucedida, a ideia conquista espaço entre presídios de Rondônia e do Pará e ajuda a proporcionar reais oportunidades de vida nova a centenas de cidadãos engajados em reparar erros cometidos no passado.

E a experiência do passado é combustível para as novas gerações que se dedicam ao cooperativismo do futuro. Em Nova Petrópolis, o projeto Cooperjovem desponta como a força da juventude atraindo cada vez mais cooperados em prol do aprimoramento da filosofia e da prática cooperativista.

Em Minas Gerais, a Musiart expande a ação do segmento cooperativista cultural e, por meio de uma orquestra fundada há 15 anos, desenvolve ações de conscientização em comunidades carentes próximas a Belo Horizonte. O projeto tem contado com parcerias diversas e, cada vez mais, consolida triunfos sociais e educativos.

Marcelo Porteiro Cardoso, superintendente de Agropecuária e Inclusão Agrícola do BNDES, concede entrevista na qual aborda as perspectivas do banco e a interação com as cooperativas. Um acor-



do firmado entre o banco e a OCB fortalece essa aliança, ajudando a expandir as ações sistemáticas e organizadas cooperativistas.

No artigo da contracapa, Roberto Rodrigues aborda a origem dos bancos cooperativos, hoje consolidados em todo o país e representantes de um dos ramos que mais crescem no setor: o crédito. Ele lembra o momento da formação das cooperativas do ramo, que hoje representam um sistema forte e, em muitos casos, mais atrativo que o modelo oferecido pelos bancos tradicionais. É o cooperativismo marcando gols.

Boa leitura.

MÁRCIO LOPES DE FREITAS

Presidente do Sistema OCB

CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Denísio Augusto Liberato Delfino – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Ana Maria Vieira dos Santos Neto Xavier

Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

REPRESENTANTES DA OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

CONSELHO FISCAL

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrijo Primo – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

André Pimentel Pontes – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampin – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

Gilcimar Barros Pureza – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasini – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Renato Nobile – Superintendente

Gerência Geral OCB

Tânia Zanella

Gerência Geral SESCOOP

Karla Oliveira

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** - órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** - entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** - integrante do "Sistema S", responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



Esta é uma publicação produzida com recursos do SESCOOP

Gerência de Comunicação

Daniela Lemke

Conselho Editorial

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Nelson Claro, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Gabriela Prado (DRT/DF-6882)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final
Grupo Informe - Comunicação Integrada

Edição

Chico Neto
com Gabriela Prado

Reportagem

Dijanira Goulart, Luciana Barreto e Viviane Marques

Diagramação

Vanessa Farias

Versão digital

Diego Soares

Fotografia

Bruno Spada

Ilustrações

Luciana Bastos

Revisão

Beth Nardelli

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica Brasil

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco "T" • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936

06

CONEXÃO COOPERATIVA

Veja o que andam dizendo as personalidades e lideranças do meio cooperativista.



08

ENTREVISTA

Marcelo Cardoso, superintendente de Agropecuária e Inclusão Social do BNDES, valoriza o papel da OCB no Brasil.

12

ESPECIAL

Ramo Agropecuário se fortalece com incentivo de acordo firmado entre o BNDES e o Sistema OCB.



SUMÁRIO

18

BOAS PRÁTICAS

Aprovada pelo Conselho do Sescop, criação de um curso de mestrado sinaliza cooperativismo em ascensão no meio acadêmico.



22

BEM-ESTAR

Cooperativas desenvolvem projetos para capacitar comunidades a enfrentar a crise dos recursos hídricos.



26

INOVAÇÃO

Região Norte se destaca no cenário nacional ao investir em cooperativas que oferecem oportunidades de ressocialização em presídios.

31

PERSONAGEM

Agostinho dos Santos, pioneiro do cooperativismo na Paraíba, fala sobre sua trajetória e os benefícios da "união organizada".

34

NOSSO BRASIL

Em Minas Gerais, orquestra formada e mantida por uma cooperativa ganha projeção no cenário cultural ao empreender projetos sociais.

40

ARTIGO

O consultor Marcos Caetano escreve sobre dispositivos legais que reforçam o conceito do capital social das cooperativas.



42

COOPERANDO

Em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, cresce o número de jovens que se dedicam à causa cooperativista.



48

GOVERNANÇA

Aposta na fidelização mobiliza cooperativas a criar atividades capazes de atrair cada vez mais associados.

52

FIQUE DE OLHO

Acompanhe os eventos e fatos de repercussão de diferentes regiões do país

54

MEMÓRIAS

Roberto Rodrigues lembra os movimentos que deram origem aos bancos cooperativos, hoje um setor que não para de crescer.



“ O cooperativismo, nesse processo de busca constante pela equidade, se apresenta como uma das ferramentas estratégicas na luta por condições igualitárias não só de gênero, mas em tudo que envolve a diversidade humana. ”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB, em discurso proferido por ocasião do Dia Internacional do Cooperativismo

“ Principalmente depois da crise internacional, o mundo percebeu que educação é um pilar importante para a inclusão financeira ser adequada. ”

ELVIRA CRUVINEL,
chefe do Departamento de Educação Financeira do Banco Central, em entrevista ao jornal Valor Econômico, falando sobre projetos de educação financeira, um deles desenvolvido em parceria com o Sistema OCB

Paulo Carvalho



“ Para nós, o cooperativismo é fundamental. Primeiro, porque agrega valor. É muito difícil um agricultor familiar hoje, sozinho, disputar o mercado. A cooperativa possibilita sinergia, maximiza os recursos, e também estimula a superação do individualismo, na perspectiva de uma sociedade mais solidária e mais cooperativa. ”

PATRUS ANANIAS,
ministro do Desenvolvimento Agrário, durante evento no Banco do Brasil para abrir oficialmente a operacionalização dos recursos para a próxima safra



“ Não há possibilidade de crescimento sem cooperativismo, sem associativismo. Não há como ter emprego sem essa conjunção de fatores. Vocês (cooperativistas) são fundamentais no processo de desenvolvimento de Goiás e do Brasil. ”

MARCONE PERILLO,
governador de Goiás

“

Há uma grande oportunidade para quem sabe oferecer crédito e faz isso com responsabilidade. As cooperativas de crédito têm um espaço para explorar no mercado imobiliário, de microfinanças e de crédito estudantil ”

MARA LUQUET,
jornalista, colunista da rádio CBN e do Jornal da Globo e comentarista de assuntos econômicos da GloboNews

“ O que pretendemos, todas juntas, é mostrar que somos capazes de nos desenvolver, de lidar com o mundo dos negócios e que estamos sempre prontas a contribuir com o desenvolvimento do nosso país. ”

HELENA BANDEIRA,
presidente da Cooperativa de Crédito das Mulheres de Nampula, Moçambique



ENTREVISTA

Marcelo Porteiro Cardoso

Superintendente de Agropecuária
e Inclusão Social do BNDES



“O Brasil tem competitividade”



“As cooperativas de crédito são parceiros importantes que têm assumido especial relevância nos últimos anos, já que colaboram expressivamente no aquecimento e orquestração do setor como um todo.”

Uma pródiga parceria, já consolidada, ganha um novo impulso com o recente acordo entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Sistema OCB. Em entrevista à revista *Saber Cooperar*, Marcelo Porteiro Cardoso, superintendente de Agropecuária e Inclusão Social do BNDES, expõe a importância estratégica do estreitamento da relação institucional com o cooperativismo, setor que considera vital devido a seu alcance social e empregabilidade. A evolução histórica do aporte de recursos, por meio de variados programas e de linhas de financiamento voltadas a investimento, custeio e capital de giro, também foi abordada, a exemplo do Prodecoop (Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária) e do Procap-Agro (Programa de Capitalização de Cooperativas Agropecuárias). Cardoso sublinha a admiração pela OCB, além de demarcar sua expectativa associada ao instrumento de cooperação como instância fundamental para agregar clareza, efetividade e transparência tanto para os cooperados quanto para os gestores.

A parceria entre o movimento cooperativista e o BNDES vem impulsionando o desenvolvimento do setor agropecuário. Em termos gerais, como o banco analisa a atuação das cooperativas?

Sem dúvida, a agropecuária é um setor de vital importância na economia brasileira, ocupando uma parcela considerável do Produto Interno Bruto nacional. Uma grande competitividade acumulada ao longo dos anos, somada a uma boa base científica e a um salto de produtividade, tem permitido que o Brasil, de maneira sólida, venha desenvolvendo outros setores, a exemplo de máquinas e equipamentos agrícolas diversificados. Nesse cenário-base, o BNDES enxerga as cooperativas como um segmento absolutamente relevante e estratégico, uma forma de organização que ajuda a distribuir riqueza, promover desenvolvimento regional, assumindo, assim, um valor especial e merecendo ainda um tratamento diferenciado. Ainda em relação ao setor cooperativista, percebemos também, nos últimos 20 anos, uma evolução significativa em termos de gestão e governança, um dado que o banco certamente considera e trata com especial in-



No setor agropecuário, temos boas notícias, já que o câmbio está ajudando, o que acaba por gerar uma compensação, especialmente para as cooperativas associadas à exportação. ”

teresse, pois, apesar da vertente social, que é um diferenciador e tanto, trata-se de um negócio e, por conta dessa natureza, tem de ser bem gerido, sustentável e com valor para o mercado. O banco vem historicamente construindo uma série de programas e de linhas de apoio, seja a partir dos seus próprios mecanismos, seja em parceria com o governo federal.

Quais as principais linhas de financiamento?

O foco principal do banco, ao longo dos últimos anos, está no financiamento do crédito em investimento fixo. Dentro dessa lógica, há importantes programas e parcerias - tanto na modalidade direta quanto na indireta - que vêm atendendo o setor. O carro-chefe é o Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária (Prodecoop), voltado à potencialização da competitividade do complexo agroindustrial das cooperativas por meio da modernização dos sistemas produtivos e de comercialização, o que inclui inúmeros e variados projetos,

beneficiamentos e aquisições necessários à industrialização do segmento. Mais recentemente, outra linha é o Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA), que vem beneficiando produtores rurais, pessoas físicas ou jurídicas e cooperativas rurais de produção. A lógica é intensificar investimentos voltados à armazenagem, para cobrir déficits importantes nessa área, uma iniciativa bastante demandada no último Plano Safra. Já o Programa de Capitalização de Cooperativas Agropecuárias (Procap-Agro), criado no banco e regulamentado via Conselho Monetário, permite esse processo a partir do financiamento de cotas-parte. O objetivo é promover a recuperação ou a reestruturação patrimonial das cooperativas de produção agropecuária, agroindustrial, aquícola ou pesqueira, além de disponibilizar recursos para o financiamento de capital de giro, visando atender às necessidades imediatas operacionais das cooperativas. O BNDES apoia fortemente também os cooperados, a sua produção primária. Por fim, é importante destacar, co-

mo estratégia para o Brasil e impacto na balança comercial, a forte agregação de valor a proteínas, a toda a cadeia de grãos, um movimento cada vez mais robusto. É interesse do banco estimular continuamente esse avanço, apoiando investimentos dessa ordem.

Quais os desembolsos para as cooperativas em 2014 e 2015?

Somente para as cooperativas, sem mencionar os cooperados, em 2014, aplicamos R\$ 6,7 bilhões, sem dúvida uma soma muito expressiva e que vem crescendo nos últimos anos - em termos de investimentos diretos ou indiretos voltados para diversificadas e variadas linhas e programas. As cooperativas de crédito constituem outro foco nosso, no qual o repasse se dá diretamente para o produtor. Em 2015, acompanhando o mercado, projeções ainda estão em revisão, já que vivemos um ano atípico, de ajuste fiscal. No setor agropecuário, porém, temos boas notícias, já que o câmbio está ajudando, o que acaba por gerar uma compensação, especialmente para as cooperativas associadas à exportação, ainda que haja impacto nos insumos da produção. Até abril, já operamos R\$ 1, 8 bilhão.

É possível ilustrar o apoio já em curso às cooperativas?

Dispomos de clientes muito expressivos, com uma história de longo prazo de relacionamento bom e confiável. Sem dúvida, o papel do BNDES é bem importante para segurar momentos econômicos críticos que o cooperativismo tem vi-



Divulgação/BNDES



Sem dúvida, o papel do BNDES é bem importante para segurar momentos econômicos críticos que o cooperativismo tem vivido. ”

vido. O contorno institucional das cooperativas que vêm obtendo esse tipo de apoio é absolutamente positivo e profissional. Nossa carteira de relacionamento soma 59 cooperativas que vêm se beneficiando de investimentos necessários à expansão e modernização de suas produções.

Quais são as perspectivas para o ano-safra 2015/16?

Em relação aos ajustes anunciados, o governo está negociando de maneira correta com o setor, entendendo a revisão de condições dos programas agrícolas. O setor dispõe de plena capacidade de dar resposta e obter lucratividade, por ser bem-estruturado, ter bases sólidas e ainda trabalhar de modo organizado e a partir de políticas de

gestão, o que permite ter força, efetividade e possibilidades de retorno interessantes para enfrentar a crise com uma margem sustentável. O Brasil tem competitividade. Acreditamos que a crise e os problemas a ela associados serão superados pelo setor. É um momento que comporta prudência, planejamento estratégico, a busca de mais eficiência, criatividade, além de melhores margens em geral. Enfim, passada a tormenta, vem o salto necessário para uma posição interessante e fortalecida mais adiante.

Qual a expectativa do BNDES a respeito do Acordo de Cooperação com a OCB?

Para essa parceria, o BNDES se empenhou bastante, e a OCB rapidamente respondeu e reagiu posi-

vamente a uma prática que já vem ocorrendo, mas que merece ser ampliada, difundida e sistematizada. Essa relação vem sendo bem-construída, e o acordo vai clarificar ainda mais as situações e principalmente estruturar, fortalecer e dar abrangência e visibilidade aos processos associados à OCB e ao banco. Era o instrumento que faltava para consolidar esse relacionamento, assegurando que as informações demandadas pelo setor chegassem com clareza, efetividade e transparência para os cooperados e gestores das cooperativas. Cabe ressaltar nossa admiração pela OCB, uma organização extremamente estruturada em um setor de vital importância para o Brasil.

Por fim, quais as atividades previstas para 2015?


Uma agenda efetiva de divulgação por parte da OCB, nos seus veículos, das nossas formas de apoio – linhas e programas. Haverá ainda uma cartilha explicativa sobre as modalidades e como estas podem ser acessadas pelos agentes financeiros. Outra atividade prevista está voltada à capacitação das equipes nas unidades estaduais, que atuarão como replicadoras e difusoras dessas informações que consideramos estratégicas para a expansão sustentável do setor. O banco está absolutamente à disposição para participação em quaisquer eventos ligados a linhas variadas de crédito, além de assegurar sua presença também nas principais feiras agropecuárias do país, o que resulta em importante fortalecimento e visibilidade para essa parceria. ■



Acordo entre o BNDES e o Sistema OCB consolida o fortalecimento do ramo agropecuário, que já contabiliza resultados animadores para o período

Parcerias vitoriosas

LAR: viabilidade econômica de uma cooperativa com 50 anos e ampla cadeia produtiva atraiu investimentos do BNDES de R\$ 265,3 milhões, contabilizados de 2009 a 2014



que já se desenha como realidade agora assume ainda mais alcance, visibilidade e força institucional. Uma parceria entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a OCB permitirá ações sistemáticas e organizadas no setor cooperativista para fomento, estímulo à competitividade e expansão produtiva do Ramo Agropecuário, que movimenta bilhões de reais e emprega milhares de trabalhadores.

Responsáveis por 161,7 mil empregos diretos e com movimentação financeira em torno de R\$ 100 bilhões anuais, ao todo são 1.597 cooperativas agropecuárias e cerca de 1 milhão de associados demonstrando a sua força na economia nacional. A associação dos pequenos e médios produtores em cooperativas gera mais condições de inserção no mercado e efetiva competitividade, conforme comprovam os números. As cooperativas exportam para 152 mercados de destino, somando uma receita de US\$ 6 bilhões em vendas ao exterior, bem como respondem por 21% da capacidade estática de armazenagem de grãos do país e 19,7% da assistência técnica em estabelecimen-

tos agropecuários no Brasil.

Com esse desempenho, as cooperativas se mostram atores importantes para o papel fundamental que tem o agronegócio brasileiro na economia do país. Hoje, cerca de um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) vem das atividades desenvolvidas no campo. A expectativa é de um crescimento sustentável da produção de grãos e fibras na ordem de 109%, saltando de 97 milhões para 202 milhões de toneladas, considerando o período entre as safras de 2001 e 2015.

Em função dos índices positivos e do largo alcance socioeconômico, o governo federal vem empreendendo estratégias e ampliando políticas agrícolas voltadas à agropecuária brasileira. Este é justamente um dos objetivos do recente acordo de cooperação técnica firmado em dezembro último entre o BNDES e a OCB. Para tornar ainda mais factível e funcional o acesso a essas políticas pelas cooperativas, serão ofertados programas de treinamento aos colaboradores do Sistema OCB para instrumentalizá-los como multiplicadores das formas e linhas mais adequadas de financiamento público voltadas a investimento, custeio e capital de giro para as cooperativas e seus cooperados.



Divulgação

Aurora Alimentos: captações por intermédio do banco foram fundamentais para o registro de um índice de 243% de elevação do faturamento, nos últimos cinco anos

As instituições também estão responsáveis pela elaboração conjunta de material técnico-didático a serem repassados para os associados.

Como exemplos de conglomerados agroindustriais que vêm sendo ampliados e modernizados, a partir de financiamentos bem-sucedidos do BNDES, estão a Cooperativa Central Oeste Catarinense (Aurora) e a LAR, respectivamente sediadas em Chapecó, Santa Catarina, e em Medianeira, no Paraná, que somam faturamentos expressivos e, em seus quadros, cerca de 35 mil funcionários, bem como milhares de famílias de produtores associados em diversos estados brasileiros. As cooperativas movimentam a economia, assumindo o mérito de conjugar prosperida-

*De 2009 a 2014,
a LAR pôde
contar com*

R\$ 265,3
*milhões em
investimentos
do BNDES*

de empresarial a compromisso social, gestão colegiada e interesse pela comunidade - princípios que regem o movimento cooperativista.

Para Tânia Zanella, gerente-geral da OCB, gestões como essa confirmam a importância estratégica de uma maior aproximação entre a instituição e o BNDES. "Além da divulgação programada das oportunidades de apoio financeiro sustentável e diferenciado, o acordo servirá para mitigar qualquer dificuldade eventual de acesso às linhas de financiamento existentes, identificando ainda possíveis gargalos, já que o acesso ao crédito se faz fundamental para o setor", explica. "Há muitos anos os resultados associados ao apoio do banco às cooperativas têm sido muito bons."

Clara Maffia, gerente Técnica e Econômica da OCB, explica que a iniciativa contemplará especialmente cooperativas menores, que não dispõem de conhecimento técnico suficiente para buscar, da forma adequada, os aportes de recursos e as condições de financiamento. “Somada aos manuais e documentos explicativos previstos, a partir de agosto, a capacitação ocorrerá nas unidades estaduais do Sistema OCB. A ação também configura um instrumento de troca de informações, já que, para nós, será essencial saber dos impactos dos financiamentos, bem como as regiões e cooperativas ainda não beneficiadas com o apoio”, avalia.

TRADIÇÃO E PROSPERIDADE

Fundado há 46 anos, o terceiro maior complexo industrial do setor de carnes do Brasil é uma próspera comunidade produtiva de base cooperativista. Constituída atualmente por 13 cooperativas filiadas, cerca de 100 mil famílias associadas e 26 mil funcionários diretos, a Aurora Alimentos tem suas unidades industriais, comerciais, granjas e distribuidores em todo o país, sendo responsável por um dos melhores desempenhos do mercado brasileiro de proteína - carnes suínas, aves e lácteos, bem como massas, vegetais e suplementos para nutrição animal.

Apesar do cenário nacional de crise econômica e ajustes fiscais, boa gestão aliada a financiamentos sustentáveis asseguram à Aurora números comerciais extraordinários. Somente no ano passado, a

CRESCIMENTO PROGRESSIVO

O relacionamento do cooperativismo brasileiro com o BNDES transcorre de acordo com as necessidades de crescimento progressivo e sustentável dos setores. “A ideia é estender o acordo a outros ramos do cooperativismo”, adianta Clara Maffia. “As cooperativas têm trabalhado efetivamente em alternativas de financiamento, o que já justifica poder dispor dos treinamentos previstos no acordo.” O Ramo Transporte também está sendo contemplado. Representantes do Sistema OCB e do BNDES vêm reunindo-se para discutir programas de apoio a renovação de frotas, saneamento financeiro e capital de giro que contemplem as cooperativas do setor, além da adequação da linha de financiamento Procaminhoneiro, para que a Cooperativa de Transporte de Cargas (CTC) seja incluída no apoio.

Apesar de haver 49 milhões de usuários de planos de saúde no Brasil, estudos confirmam que as redes hospitalares e ambulatoriais não vêm acompanhando a demanda, apontando uma carência de 12 mil leitos no país. Nesse sentido, as operadoras têm feito gestão para ampliar as suas redes de atendimento, bem como aprimorar as condições de trabalho de seus associados e a qualidade dos serviços prestados. Diante da importância socioeconômica desse segmento, o BNDES instituiu o Procapcoop - linha de crédito voltada ao fortalecimento da estrutura patrimonial das cooperativas médicas singulares operadoras de planos de assistência à saúde, por meio da concessão de financiamentos diretamente aos seus cooperados. É um significativo avanço que repercutirá em uma cadeia presente em 83% dos municípios brasileiros.

Há a possibilidade de extensão do acordo a outro estratégico setor da economia que conta com financiamentos do BNDES: o cooperativismo de crédito, segmento que movimenta cerca de R\$ 130 bilhões de ativos. Desde 2006, o Programa de Capitalização de Cooperativas de Crédito (Procapcred) já aportou mais de R\$ 1,5 bilhão para o aumento do capital social dos sócios e de suas cooperativas - ao todo, cinco confederações, 38 centrais, dois bancos cooperativos e mais de 1.100 cooperativas singulares e 5 mil pontos de atendimento em 95% dos municípios brasileiros. O programa, anteriormente sob a responsabilidade do Ministério da Fazenda, foi recentemente incorporado às outras linhas de crédito do BNDES.



empresa obteve o melhor resultado líquido de sua história: crescimento de 18% associado a uma receita operacional bruta de R\$ 6,7 bilhões - 80% obtidos no mercado doméstico e 20% no internacional.

De acordo com Alceu Carlos Krombauer, coordenador financeiro da cooperativa, o apoio do BNDES é “absolutamente fundamental para o crescimento da Aurora, que, em cinco anos, elevou o seu faturamento em 243%”. O financiamento das operações registrou um volume de recursos contratados de 2009 a 2014, nas diversas linhas, de R\$ 802 milhões, sendo 73,4% para investimentos no parque industrial e na estrutura de armazenagem de grãos e o restante para capital de giro. As captações foram principalmente via Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária (Prodecoop) e Programa de Capitalização das Cooperativas Agropecuárias (Procap-Agro).

Como demonstrativo do aporte do BNDES, Krombauer expõe que os recursos obtidos elevaram a capacidade mensal de abate de aves em cinco milhões de cabeças e, de suínos, em 150 mil. “Ampliamos ainda a nossa capacidade de industrialização de produtos prontos para o consumo na ordem de 4 mil toneladas por mês, além da capacidade de armazenagem de grãos em 64 mil toneladas”, relata. “Com esses empreendimentos, asseguramos 6.022 postos de trabalho direto e mais de 1,5 mil cooperados na produção de aves e suínos.”

O executivo tem motivos para se entusiasmar com a parceria: “O BNDES, como banco público

de desenvolvimento, tem o mérito de não ser difícil de ser operado, já que é confiável e tem um processo desburocratizado, além de dar um show no mercado financeiro. Esse apoio vem sendo

essencial para que contornemos a crise econômica brasileira, que vem impactando toda a cadeia produtiva e logística do complexo industrial, a exemplo dos reajustes na energia elétrica e no com-



Iago Carvalho



Além da divulgação programada das oportunidades de apoio financeiro sustentável e diferenciado, o acordo servirá para mitigar qualquer dificuldade eventual de acesso às linhas de financiamento existentes, identificando ainda possíveis gargalos, já que o acesso ao crédito se faz fundamental para o setor. »»

TÂNIA ZANELLA
gerente-geral da OCB

bustível, por conta da sustentabilidade financeira da Aurora e dos bons prazos de retorno dos investimentos obtidos”.

EXPANSÃO E SUCESSO

A exemplo da Aurora Alimentos, a cooperativa LAR vem também respondendo à crise de maneira criativa e vigorosa, ao se valer igualmente da importância estratégica dos financiamentos do BNDES, mantendo, assim, sua marca de eficiência produtiva conjugada a sucesso econômico. Ao completar 50 anos, em 2014, a tradicional cooperativa atestou, em números, o sucesso dos seus empreendimentos: faturamento total de R\$ 3,09 bilhões, 13,3% superior ao ano anterior, bem como um resultado financeiro de R\$ 84,6 milhões, patamar 24,9% maior do que o apurado em 2013.

Com uma ampla cadeia produtiva, que inclui fábricas de ração, unidades industriais de processamento de grãos (soja, milho e trigo), pecuária (aves, ovos, suínos e leite) e mandioca, além de 13 estruturas de armazenagem, 15 supermercados e uma extensa linha de produtos alimentícios, como cortes de frango, empanados, cereais, doces, vegetais, ovos, peixes e café, o complexo agroindustrial sediado em Medianeira, no oeste do Paraná, tem mais de 9 mil associados e 7 mil funcionários, com uma atuação que abrange ainda Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e até o Paraguai.

De 2009 a 2014, a LAR pôde contar com R\$ 265,3 milhões em investimentos do BNDES - recursos, em sua maioria, provenientes do Pro-

decoop. “O fato de demonstrarmos viabilidade econômica e financeira nos credenciou para um apoio que tem se mostrado essencial para o nosso crescimento e desenvolvimento”, explica João Carlos Luqui, assessor de Planejamento e Controladoria da cooperativa. “As equipes que nos atendem apresentam um alto nível de profissionalismo, responsabilidade e seriedade.”

A parceria da LAR com o BNDES, conta ele, vem de longa data. “O nosso relacionamento com o banco é excelente, dada a celeridade na liberação dos investimentos, bem como carência e fôlego justos para o retorno econômico esperado. A despeito do baixo desempenho da economia brasileira, um apoio institucional do porte do BNDES nos prepara para enfrentar esse quadro de recessão. O nosso desafio é, inclusive, superar a marca do ano passado, ampliando nosso faturamento bruto para R\$ 3,5 bilhões.”

O foco está no necessário investimento para a expansão produtiva e o consequente alcance social de um setor estratégico para movimentar a economia do país e ainda sustentar milhões de famílias de praticamente todos os municípios brasileiros. É assim que a parceria entre o Sistema OCB e o BNDES ampliará e fortalecerá um relacionamento assentado em transparência, confiança e eficácia. Afinal, nada menos do que R\$ 13 bilhões vêm sendo, somente de 2009 até hoje, sistematicamente desembolsados para as cooperativas agropecuárias nacionais. ■



Cooperativismo em ALTA

Conselho Nacional do Sescoop aprova a criação de um curso de mestrado com foco nos fundamentos cooperativistas. É o Sistema OCB marcando presença no meio acadêmico



Dentro da meta de promover a cultura cooperativista e o aperfeiçoamento da gestão para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras, o Conselho do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) aprovou, em maio deste ano, a criação de um curso de mestrado para a formação de professores em cooperativismo, a ser coordenado pela Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (Escoop). A iniciativa foi do Sistema Ocergs/RS. A novidade abre caminho para pesquisas e reforça o Sistema OCB como referência em educação cooperativista.

“A atuação do Sistema OCB vem suprir uma carência de formação acadêmica na área do cooperativismo no Brasil”, afirma Dênio Aparecido Ramos, membro titular do Conselho Nacional do Sescoop pelo Ministério da Previdência Social. “A criação desse curso é um exemplo. Isso é um investimento para o futuro do cooperativismo no país.”

Dênio aposta no acerto dessa forma de difundir o cooperativismo no meio acadêmico. “Quando capacitamos pessoas para atuar no universo cooperativo, começamos a ensinar a cuidar de uma cooperativa e a lidar com suas peculiaridades - o que é algo importante, pois, se não há uma boa gestão, o negócio pode ir por água abaixo”, resume. “Acredito que esse curso vai atender um público cooperativista que deseja se aperfeiçoar. É comum ver filhos de cooperados trabalhando com seus pais e até mesmo assumindo o negócio da família. O curso será um estímulo

para que eles e outros estudantes se especializem no assunto, e com certeza isso gerará bons frutos.”

Renato Nobile, superintendente do Sistema OCB, avalia: “Não temos dúvida de que a educação é um pilar não só para o cooperativismo, mas também para qualquer nação que queira almejar um grau de desenvolvimento. Estamos avançando na busca da excelência. O curso de mestrado é mais um grande passo nesse sentido. Essa ação reforça o objetivo do Sescoop, que é fomentar os processos de educação, formação e capacitação na área do cooperativismo”.

UNIVERSO ACADÊMICO

O coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão da Escoop, Mário De Conto, reforça a importância do apoio do Sistema OCB à estruturação do curso de mestrado para a formação de professores. “Quando analisamos os países em que o cooperativismo é desenvolvido, percebemos que em todos eles o ensino e a pesquisa no setor estão consolidados em centros mantidos pelo sistema cooperativista”, observa. “Há uma forte interação

Stricto sensu, expressão latina que significa “em sentido estrito”, é usada para distinguir cursos de pós-graduação que compreendem programas de mestrado e doutorado sujeitos ao reconhecimento e à autorização do MEC. São, normalmente, cursos que variam de dois a cinco anos, período ao fim do qual o aluno recebe um diploma com o título acadêmico de mestre ou doutor.

ensino/necessidades de formação de recursos humanos e do desenvolvimento de pesquisas voltadas à área de governança e sustentabilidade das cooperativas. Um exemplo é o sistema cooperativo alemão, com o qual o Sescoop/RS desenvolve, desde 2010, um projeto de cooperação internacional. Além das academias do próprio sistema cooperativo, centros de pesquisa em diversas instituições, como na Universidade de Hohenheim, dedicam-se a esses trabalhos observando a tríade universidade-setor privado- governo.”

Mário lembra que, no universo acadêmico, ainda é grande a carência de professores especializados em cooperativismo. “Podemos dizer que essa problemática não é nova. A esse fato, somamos a demanda antiga do sistema cooperativista de que, em cursos universitários tradicionais, os alunos tenham acesso às disciplinas específicas do segmento. Perante esse cenário, fica evidente a necessidade de formar mais docentes especializados em programas de pós-graduação *stricto sensu*”.

Outro ponto positivo são as pesquisas. “Da maneira como está estruturado, o projeto estabelece forte vínculo entre a Escoop e o sistema cooperativista, no sentido de que as pesquisas realizadas estejam ligadas, efetivamente, às matérias que são de interesse das cooperativas”, comemora De Conto. “Essa iniciativa possibilitará, ainda, o intercâmbio com centros de pesquisa da área reconhecidos mundialmente. Acredito que servirá para perenizar o ensino, com benefícios para as cooperativas e seus associados.”



O CONSELHO

O Conselho Nacional do Sescop é um órgão deliberativo formado por quatro representantes das unidades estaduais, um representante dos empregados das cooperativas e outros cinco do governo federal, nomeados por seus respectivos ministros de Estado - um do Ministério do Trabalho e Emprego, um do Ministério do Planejamento, um do Ministério da Agricultura, um do Ministério da Fazenda e um do Ministério da Previdência Social. “Essa formação heterogênea agrega muito valor às decisões do Conselho, que tem como principal atribuição fixar a política de atuação do Sescop e estabelecer as diretrizes gerais”, afirma Dênio.

Todos os projetos têm de apresentar cronograma e passam por um processo de triagem, primeiro pelas unidades estaduais e depois pela unidade nacional, além de uma pré-análise elaborada por um comitê técnico do Sistema OCB que avalia critérios, como forma de investimento, retorno efetivo e impacto no público-alvo. O comitê também sugere mudanças, se identificar a necessidade de adequação.

Vários projetos aprovados pelo Conselho contribuem, hoje, para o crescimento do setor - como o Dia C, que nasceu em Minas Gerais, por iniciativa dos colaboradores do Sistema Ocemg e com o fundamental apoio de seu presidente, Ronaldo Scucato. “Considero o Dia C uma oportunidade que o Sistema OCB tem para mostrar suas ações e apresentar o cooperativismo para a sociedade”, analisa Dênio. “Investir

OPERACIONALIZAÇÃO

O processo de implantação do curso de mestrado se dará em duas etapas. Primeiramente, será criado um núcleo de pesquisa ao qual caberá desenvolver atividades preparatórias e elaborar projetos aprovados por um comitê formado por membros da Escoop, da OCB e do Sescop. Os projetos serão selecionados no fim deste ano. O segundo momento, previsto para 2018, é a autorização da implantação do curso, por parte do Ministério da Educação (MEC). As atividades do mestrado, então, terão início em 2019.

ESCOOP

Fundada em 2007, a Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (Escoop) é a primeira instituição de ensino superior do Brasil voltada exclusivamente ao cooperativismo. Tem como missão preparar profissionais para as diversas áreas de atuação dentro das cooperativas, visando à modernização da gestão. Atualmente, a Escoop oferece o curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, realizado em Porto Alegre; e, em nível de especialização, MBA em Gestão de Cooperativas (Porto Alegre e Pelotas) e MBA em Gestão Estratégica do Agronegócio (Porto Alegre e Santa Maria). Outro MBA previsto para Porto Alegre é o de Gestão de Cooperativas Odontológicas.

na profissionalização de um indivíduo é algo que gera retorno, pois ele também se torna um multiplicador do conhecimento adquirido.”

PROFISSIONALIZAÇÃO

De acordo com Renato Nobile, o Conselho tem atuado de forma positiva para o aprimoramento da gestão estratégica no Sistema. “Todos os conselheiros participaram dessa ação, para a qual consultamos a base, dirigentes e parceiros. O mapa estratégico atual do Sistema OCB, assim como os do Sescop e da OCB, traz uma visão muito

moderna, resultado que só conseguimos alcançar em virtude do suporte que recebemos do Conselho.”

O Conselho também colaborou para a criação do novo modelo de profissionalização da governança cooperativista, que tem sua base em dois grandes pilares. Um é uma nova atuação do sistema de auditoria interna junto às unidades estaduais. “Fomos buscar exemplos de boas práticas de auditoria em outros países para que pudéssemos aplicar aqui”, conta Nobile. “Então, fizemos uma nova modelagem de atuação de auditoria interna, com o teor educativo identificando e ao



A atuação do Sistema OCB vem suprir uma carência de formação acadêmica na área do cooperativismo no Brasil.

DÊNIO APARECIDO RAMOS,
membro titular do Conselho Nacional do Sescop pelo Ministério da Previdência Social



Bruno Spada

mesmo tempo orientando para solucionar situações eventualmente fora da conformidade.”

O outro ponto que serve de base para o novo modelo é o Centro de Serviços Compartilhados (CSC), que, numa primeira etapa, tem prestado serviços contábeis e atuado na otimização das folhas de pagamento a cinco unidades estaduais das regiões Norte e Nordeste. “Tão logo sejam alcançadas as metas do projeto piloto outros estados poderão ser contemplados”, informa o gerente de Controladoria do Sistema OCB, Antonio Feitosa. “Com essa iniciativa, pretende-

-se cumprir o objetivo estratégico de aprimorar a gestão e padronizar processos, permitindo foco maior no atendimento às cooperativas, isto é, nas atividades finalísticas.”

O superintendente do Sistema OCB comemora: “Esse também é um ponto importantíssimo, pois, à medida que damos suporte para unidades estaduais, nós as liberamos para focar seus esforços no atendimento às cooperativas. O Conselho entendeu muito bem essa necessidade e, mais uma vez, foi o primeiro a apoiar a iniciativa”.

O Programa de Desenvolvimento de Competências do Siste-

ma OCB, aprovado no fim de 2013, também contou com a colaboração do Conselho, que, atualmente, trabalha em uma atualização desse projeto. Outra ação em destaque é a formação de um grupo de conselheiros e executivos de Sistema OCB para fazer uma revisão nos procedimentos do Fundo Solidário de Desenvolvimento Cooperativo (Fundecoop), montante oriundo da arrecadação líquida do Sescop e destinado às suas unidades estaduais. A meta é estimular ações que visem ao desenvolvimento de cooperativas e seus cooperados. ■



Pela preservação de um recurso vital

Cooperativas paranaenses desenvolvem ações sustentáveis no manejo da água e recuperam qualidade de vida na região

Atentas às condições que ameaçam a água - como uso indevido e falta de infraestrutura na distribuição -, as cooperativistas brasileiras desenvolvem ações de sustentabilidade que sinalizam o comprometimento social do setor com a qualidade de vida, ajudando a cuidar da administração desse valioso recurso natural. São projetos bem-sucedidos que ganham destaque a cada edição do Prêmio Cooperativa do Ano, promovido pelo Sistema OCB.

Engajamento amplo é o que marca a condução dessas ações, que vêm ganhando eficácia operacional e adesão comunitária - seja no aproveitamento de energia alternativa ou no manejo correto e

racional dos recursos naturais e proteção de nascentes e mananciais. Em termos de gestão sustentável e merecido reconhecimento por parte do Sistema, as cooperativas paranaenses Cocari, C.Vale e Bom Jesus estão em destaque.

NASCENTES TRATADAS

O projeto Olho d'Água, assumido desde 2009 pela Cooperativa Agropecuária e Industrial (Cocari), em parceria com a Nortox, já contabiliza 500 nascentes restauradas, o que beneficia mais de 790 mil pessoas. Tal resultado contri-

bui, de modo direto e efetivo, para a preservação de rios e mananciais da região, levando água pura e em abundância para os produtores e seus familiares envolvidos nas atividades do agronegócio. A medida surgiu da necessidade de reverter um quadro que preocupava os agricultores, pois boa parte da água consumida na área de abrangência da cooperativa provinha de minas que, sem as devidas condições de higiene, viviam expostas a contaminações. O projeto também foi estendido a Goiás, estado onde a cooperativa dispõe de quatro unidades de produção.

C.Vale: biodigestores instalados na unidade industrial de Assis Chateaubriand marcam a gestão comprometida com consumo consciente dos recursos naturais. Projeto que demandou investimentos de R\$ 400 mil

Foi na propriedade de Sonia Regina Durão Gouveia e Valterlei Alves Gouveia, em Cruzmaltina, Paraná, que se deu o marco da 500ª nascente restaurada - justamente na Semana Mundial da Água, em 25 de março. A primeira transformação significativa foi o aumento da vazão, que saltou de 1,4 mil litros para cerca de 3,6 mil litros por hora. “Eles buscavam água longe, mas, com a mina recuperada, dez famílias podem ser mantidas tranquilamente”, conta Dorival Silvestre dos Santos, técnico responsável pelos trabalhos. De acordo com a gerência do Departamento de Segurança, Engenharia e Meio Ambiente da Cocari, já foram mapeadas outras 200 minas, a serem restauradas em breve.

Para o presidente da Cocari, Vilmar Sebold, o projeto é sinônimo de “absoluto orgulho e satisfação, que corresponde ao espírito cooperativista, solidário, verdadeiramente comprometido com a responsabilidade social e a sustentabilidade”. A adesão voluntária dos associados, lembra, foi fundamental para os esforços alcançarem êxito. “Antes havia um movimento de evasão dos produtores para a cidade,



Projeto da Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus recupera nascentes, com parceria de uma empresa ambiental

pois a situação estava crítica a ponto de, em algumas localidades, não existir água suficiente e de qualidade para as atividades agrícolas e, às vezes, sequer para as necessidades das famílias”, conta.

“O processo de livre adesão fomenta a conscientização necessária à preservação continuada das matas ciliares das nascentes, evitando, desse modo, assoreamentos e contaminações externas”, analisa. De acordo com Sebold, o ideal é envolver todo o contingente de 6,7 mil associados e comemorar a recuperação integral de cerca de 5 mil minas d’água. “Fazer o bem é o nosso maior propósito. Juntos, podemos sempre mais”, conclui.

No Paraná, além da parceria com a Nortox, a iniciativa recebe apoio da Secretaria de Estado do Meio Am-

biente e Recursos Hídricos (Sema), do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e do Instituto Emater. Em Goiás, Cocari e Nortox são apoiadas pela Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do estado (Sema-rh-GO). Não por acaso, a importância conjugada ao êxito da iniciativa rendeu ao projeto Olho d’Água o primeiro lugar da categoria Desenvolvimento Sustentável, no 9º Prêmio Cooperativa do Ano, em 2014.

ENERGIA ALTERNATIVA

O aproveitamento estratégico de energia a partir de tecnologias sustentáveis também assumiu visibilidade e mereceu o reconhecimento por parte do Sistema OCB. Na mesma categoria, o segundo lugar foi obtido pela C.Vale, graças à sua gestão notadamente compro-





metida com o consumo consciente dos recursos naturais, além da preservação e educação ambiental.

Em 2012, a cooperativa lançou o projeto Biogás, que vem gerando energia térmica a partir do tratamento de efluentes da indústria de amido de mandioca, configurando a utilização de combustível alternativo e renovável. Foi instalado um biodigestor nas lagoas de tratamento de resíduos para permitir o aproveitamento dos gases metano e carbônico gerados pela unidade industrial de Assis Chateaubriand, oeste do Paraná. A inovação trouxe inegáveis benefícios ambientais e econômicos, pois, antes, o tratamento de efluentes ocorria por meio de lagoas anaeróbias (de oxidação), o que trazia toxicidade ao gás de efeito estufa liberado para a atmosfera.

Em nome da proteção ambiental, a C.Vale não poupou recursos para a implantação de um sistema que, a partir do biodigestor, em vez de emitir os gases, os utiliza na geração de energia. A cooperativa investiu R\$ 400 mil, contratando empresas especializadas no manuseio do biogás como combustível. Até então, a caldeira da indústria usava cavaco de eucalipto como combustível.

Atualmente, o biogás gerado serve como combustível alternativo para geração de energia térmica na caldeira. O consumo de cavaco passou a ser, em média, 76% menor do que antes - de 32 toneladas/dia (160 árvores de eucalipto) -, para 7,68 toneladas diárias (38,4 unidades árvores) - e a área de plantio para indústria foi reduzida de 21,04



Fotos: Divulgação

Projeto Olho d'Água, da Cocari: rios e mananciais preservados garantem água pura em abundância para alavancar o agronegócio, envolvendo uma comunidade de mais de 790 mil pessoas

hectares para 5,05 hectares. Outro dado de sustentabilidade é que a operação da caldeira passou a ser mais simples e estável, aumentando a necessidade do intervalo de limpeza de 15 dias para 45 a 60 dias.

“A experiência com o biodigestor nos trouxe essa surpresa, justamente a grande economia com o consumo de lenha”, comemora o presidente da C.Vale, Alfredo Lang. A partir desse projeto, passamos a estudar a viabilidade da implantação dessa tecnologia em outras indústrias da cooperativa. Além da redução de custos, há a vantagem da preservação ambiental”.

FORÇA JOVEM

Motivado pelo espírito de voluntariado, um grupo de lideranças jovens tem imprimido a marca da responsabilidade socioambiental em diversas cidades do sudoeste paranaense. Preocupado com a qualidade da água da região, que soma uma vazão superior a 230 mil litros ao dia, em maio do ano passado, o BJOvem, núcleo integrante da Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus, deu início, em Mallet (interior do Paraná), ao projeto Renascer - Recuperação e Manutenção de Nascentes. A ação



percorreu 13 municípios próximos em uma força-tarefa que já envolveu cerca de 250 pessoas. O projeto contou com a parceria de uma empresa ambiental, a União da Vitória (Engreen). Ao todo, já foram recuperadas nove nascentes.

Em 2015, outro importante avanço foi chegar às escolas. Em São Mateus do Sul e Palmeira, o programa tem levado às crianças noções básicas de preservação. A iniciativa resultou em dois reconhecimentos públicos: o terceiro lugar no Prêmio Cooperativa do Ano, na categoria Desenvolvimento Sustentável, e o Selo Verde de Reconhecimento Ambiental, por parte do *Jornal do Meio Ambiente do Estado de São Paulo*.

“Mais importante do que os prêmios e o reconhecimento pelos projetos é agir conforme os valores e os princípios que o cooperativismo di-

funde e promove, tratando temas urgentes e delicados, como o meio ambiente, a partir de ações simples que ajudam a demonstrar que os agricultores, de fato, operam como verdadeiros vigilantes e cuidadores da natureza”, avalia o presidente da Bom Jesus, Luiz Roberto Baggio, que é o representante nacional do Ramo Agropecuário. “A iniciativa desmistifica um pouco a impressão de que produtores rurais são meros poluidores do meio ambiente - o que não é verdade, pois bastou uma atitude simples, porém organizada e proativa, para demonstrar o contrário”.

Eis aí mais um exemplo a ser seguido: uma ideia factível, encampada pelos jovens e com ampla participação da comunidade, que confirma a natureza transformadora e reafirma a missão solidária e comprometida do empreendedorismo cooperativista brasileiro. ■



CRISE HÍDRICA, UMA AMEAÇA PRESENTE

Apesar de o Brasil ser o país com a maior quantidade de água doce do mundo - 12% do total -, tal reserva há muito deixou de ser o suficiente. Somos o quarto maior consumidor do planeta, perdendo apenas para a China, a Índia e os Estados Unidos. Mesmo assim, boa parte da água não explorada está concentrada nas regiões mais remotas e menos habitadas - daí nove dos estados brasileiros mais populosos se encontrarem no limiar do estresse hídrico, o que inspira cuidados e exige ação. De acordo com recente relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), se medidas efetivas não forem imediatamente assumidas e levadas a cabo pelo poder público, envolvendo entidades civis e população, as reservas hídricas do mundo poderão encolher cerca de 40% até 2030. Cocari, C.Vale e Bom Jesus, ao empreenderem ações de conscientização e recuperação de nascentes em suas regiões, corporificam a ação cooperativista no compromisso com a qualidade de vida.



Bruno Spada

Ismar Nascimento: "Quero trabalhar como tapeceiro autônomo ou ensinando"

LIVRES

para empreender

Cooperativas oferecem oportunidades de ressocialização em presídios de Rondônia e Pará, apostando na capacidade de superação dos internos

Os dias sempre iguais, o tédio e os pensamentos negativos dão vez a linhas, bordados, tintas e pincéis. Na Região Norte do país, grades e muros altos deixam de ser o limite para que o cooperativismo chegue a presidiários, oferecendo novos aprendizados e perspectivas profissionais e pessoais aos que estão privados do convívio da sociedade.

Em 2013, em Ananindeua (PA), no Centro de Recuperação Feminino (CRF), foi constituída a Cooperativa de Trabalho Arte Feminina Empreendedora (Coostafe), primeira do país formada apenas por detentas que confeccionam produtos posteriormente vendidos em feiras de artesanato realizadas no município e na capital, Belém. As cooperadas inseridas nos regimes semiaberto e aberto se encarregam das barracas.

Em Rondônia, a Cooperativa de Trabalho Multidisciplinar para o Desenvolvimento da Amazônia (Coo-tama), por meio de parceria com as secretarias de Estado de Segurança Pública, de Justiça (Sejus) e do Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplan) e apoio do Sistema OCB-RO, desenvolve o projeto 3Rs: Ressocializar, Reciclar e Reutilizar. Em quatro unidades prisionais da capital, Porto Velho, a cooperativa, comandada pela professora aposentada Dulce Braga, ensina reeducandos a transformarem pneus usados, linhas de crochê, garrafas pet e outros itens em objetos de decoração.

“Buscamos quem não tinha nada e trabalhamos com eles por projetos”, explica a presidente da Coo-tama, uma cooperativa de trabalho



Thiago Gomes/Divulgação Susipe

Na Coostafe, do Pará, as reeducandas produzem jogos de tapetes de crochê e objetos de decoração a partir de material reciclado, bem como artigos de vestuário

voltada à qualificação para o mercado de trabalho cujos associados atuam na capacitação de desempregados e detentos.

Entre outras ações, o Sistema OCB/RO fornece banners de lona já utilizados que deixam de ir para o lixo para se transformar em coloridas ecobolsas, além de dar apoio logístico e buscar parcerias com outras entidades e com o poder público. “O projeto ainda contribui para a preservação do meio ambiente, reciclando esse material”, completa o presidente da organização estadual, Salatiel Rodrigues, enfatizando que a iniciativa se enquadra no sétimo princípio do cooperativismo: o interesse pela comunidade.

COOSTAFE

Formada apenas por detentas e egressas do sistema prisional, a Coostafe agrega 22 reeducandas que trabalham, diariamente, em um galpão próximo à carceragem. No local, elas produzem objetos de biscuit, vassouras de garrafa pet, toalhas bordadas, jogos de tapetes em crochê, pesos de porta, bonecas de pano e artigos de vestuário e decoração em geral.

Outras 15 cooperadas conquistaram a liberdade e muitas seguem fazendo artesanato em suas cidades de origem, no interior do estado.. “A intenção é mostrar a elas



Fotos: Bruno Spada

Alex costura ecobolsas: “É a primeira vez que tenho a oportunidade de trabalhar na prisão

que do lixo podemos tirar o nosso sustento. Elas não precisam pedir (dinheiro) no sinal, pois são capazes de criar”, resume a diretora do CRF, Carmen Botelho.

Carmen, que já havia dirigido penitenciárias masculinas, começou a buscar alternativas para proporcionar às internas do CRF uma vida menos ociosa. O início foi com aulas de português, matemática e artesanato ministradas pelas próprias detentas. Os produtos criados, então, foram vendidos em um bazar de fim de ano no próprio Centro, para funcionários e familiares em visita.

“Busquei ajuda no Sescop, com o então superintendente, Manoel Teixeira. Ele me recebeu maravilhosamente e se dispôs a me ajudar e orientar”, conta.

Foi feita uma palestra sobre co-

operativismo para 50 presas, das quais 27 apresentavam condições legais de se tornar cooperadas (muitas não têm RG ou mesmo Certidão de Nascimento). “Elas aprenderam sobre o tema e que uma cooperativa é uma empresa com obrigações perante o fisco. Todas ficaram emocionadas, pois teriam uma ‘empresa de verdade’”, recorda-se a diretora. A parceria com o Sescop prossegue: recentemente, foi ministrado um curso sobre livro fiscal, entradas e saídas, e a instituição ainda leva produtos da Coostafe para eventos de municípios no interior do estado.

GERAÇÃO DE RENDA

Tanto no Pará quanto em Rondônia, o trabalho nas instituições de detenção gera renda e, conforme pre-

visto no Código Penal, remissão de pena - cada dia de atividade representa menos um dia na cadeia. Na Cootama, as famílias se encarregam de comercializar os produtos, que também podem ser levados a feiras e exposições das quais a cooperativa participa. Parte do que é arrecadado reverte em compra de material, sendo o restante destinado aos detentos, já excluídos os 3,5% retidos pela cooperativa. Alguns reeducandos que atuam como multiplicadores recebem uma bolsa-auxílio de R\$ 350.

Já as peças criadas na Coostafe, à venda em feiras dominicais de artesanato, em breve chegarão a um shopping da capital, onde a cooperativa terá um quiosque próprio. A instituição, em breve, vai inaugurar uma padaria e um salão de cabeleiros no CRF.

HISTÓRIAS A RECONSTRUIR

A mancha de uma vida pregressa a ser superada inunda os olhares dos reeducandos, mas é visível o ânimo despertado pela percepção de poder produzir. Alguns pensam em usar o que aprenderam como meio de sobrevivência. Amadeus Marques 25 anos, confecciona ecobolsas de banners e, à noite, dá aula para outros presos, por meio do Projeto Brasil Alfabetizado. “Quando sair, quero montar uma fábrica de estofados”, diz. Presídio de segurança máxima, o Aruana recebe criminosos de alta periculosidade, a maioria enquadrada no chamado “duzentão”, o Artigo 213 do Código Penal, que trata de crimes sexuais. Um contraste gritante com as peças de crochê, as poltronas de pneu reciclado e a fartura da horta, cuidada por eles. Tudo é feito sob severa vigilância, mas os que trabalham conquistam vantagens. Eles valorizam a oportunidade de trabalho. “Se aqui (Aruana) não há problemas de violência e fugas, isso se deve muito ao trabalho da cooperativa”, assinala Bosco. Fortunato completa: “O cooperativismo, atualmente, é o maior parceiro do sistema penitenciário em Rondônia”.



Padronagem de estampas da Coostafe: alegria na marca

Em 2014, a Coostafe recebeu menção honrosa no Prêmio Inovare, que identifica iniciativas pioneiras na esfera do Poder Judiciário. “Adotei o cooperativismo porque, mesmo dentro da cadeia, a detenta pode ser dona do próprio negócio, estar no mercado de trabalho e continuar nele, quando sair. Ninguém dá oportunidade a um ex-presos, salvo raras exceções”, situa Carmen.

O capital para a Coostafe foi doado pela própria diretora. “Eu era a única que acreditava e apostei. Hoje, elas não precisam da minha ajuda”, conta, orgulhosa, descrevendo o espaço onde as cooperadas trabalham, com geladeira e micro-ondas. “Elas dizem: ‘A senhora acreditou na gente, então a gente não pode decepcionar a senhora’.

Organizadas, as cooperadas se-

param o que faturam em três partes: pagamentos, compra de material (o que inclui manutenção de maquinário) e remuneração a ser compartilhada. A divisão das tarefas fica a cargo da presidente da cooperativa, Risoneide de Souza Pereira. Antes da condenação por tráfico de drogas, ela fazia decoração de festas infantis. Acredita que foi escolhida para o cargo devido ao temperamento tranquilo.

“Antes a gente ficava o dia inteiro na cela, pensando no que não presta”, conta. “Na cooperativa, a gente se ocupa. É bom para a sociedade nos ver com outros olhos.” Risoneide pretende voltar aos estudos, no turno da noite.

“Eu só pensava em dar oportunidade para essas mulheres saírem da escuridão em que viviam e criarem



Bruno Spada

Pneus reciclados se transformam em poltronas: criatividade sem limites

a expectativa de um futuro melhor”, relata a diretora, que revela dar cada passo com o apoio do Sistema OCB/PA. “Nada se faz sem cooperação. O mundo vai se tornar melhor no dia em que as pessoas descobrirem o sistema cooperativista”, conclui.

ESTRUTURA

Da população carcerária, estimada em 4,5 mil pessoas, somente em Porto Velho, pouco mais de 100 presos trabalham na Cootama. “A estrutura não é feita para ressocializar”, assinala Adriano Fortunato, diretor do Aruana, onde cerca de 60 dos 148 presos estão ligados à cooperativa. “Se tivéssemos um galpão adequado, o dobro de reeducandos poderia trabalhar.”

Mesmo tendo sido inaugurado em 2014, quando o incentivo ao trabalho interno já se fazia presente, o presídio de Porto Velho não prevê em suas instalações a existência de salas de aula ou destinadas à realização de oficinas. Lá, assim como nas penitenciárias mais antigas do estado, salas administrativas

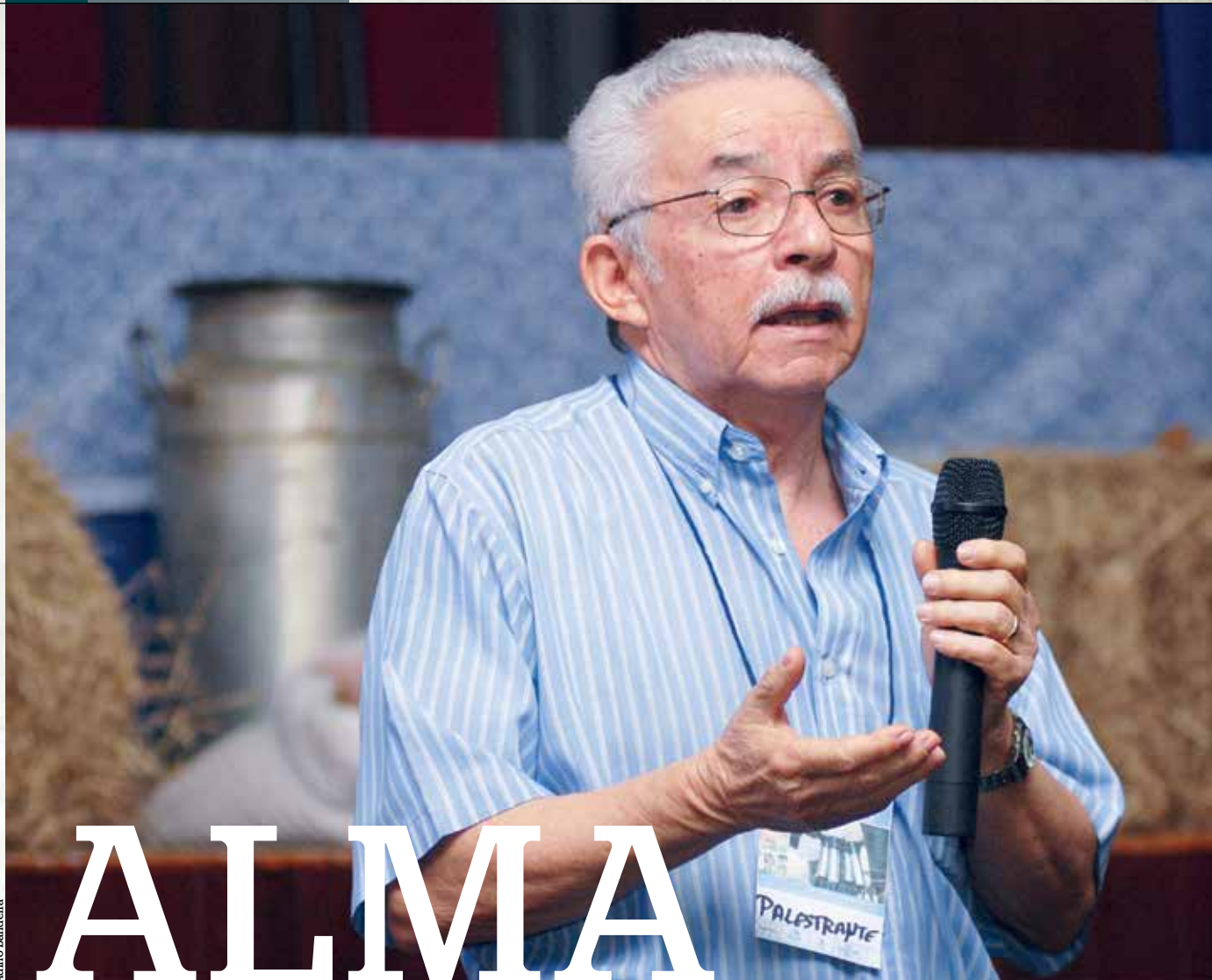
adaptadas, galpões improvisados ou mesmo materiais que podem ser trabalhados dentro das próprias celas são as estratégias usadas para driblar as dificuldades de ressocialização. Apesar de, segundo a Sejus, cerca de 60% da população encarcerada demonstrar interesse em cursos e oficinas, apenas 30% desse percentual consegue ser atendido, seja pela Cootama ou por ONGs, Sistema S e empresas privadas que também atuam nos presídios.

A Cootama atua em cinco instituições prisionais da capital rondoniense. No entanto, segundo a presidente da cooperativa, Dulce Braga, apenas no Aruana o trabalho é contínuo. No presídio feminino Pefem houve cursos de pintura em tecido, em 2014, com a presença de 10 detentas. Uma delas foi Zenaide Silva Araújo, de 36 anos, que aprendeu a fazer guardanapos de pano, mas pretende, quando sair, trabalhar na construção civil - aprendizado também obtido durante o cumprimento da pena. “Eu me garanto na cerâmica”, afirma.

Perto do Aruana, no Centro de Ressocialização Vale do Guaporé,

a maioria dos 25 apenados ligados à cooperativa trabalha dentro da cela, tecendo o crochê nas chamadas “panquecas” - tábuas de madeira com pinos nas bordas, usadas para confeccionar caminhos de mesa, jogos de banheiro e outros itens decorativos. “Os presos se ocupam, deixaram de gritar, bater nas grades e provocar uns aos outros”, observa o agente penitenciário Marcos Vieira, auxiliar de Coordenação de Projetos.

Para participar das atividades da cooperativa, é preciso seguir algumas regras. São selecionados apenas os internos de bom comportamento e com autorização da direção, depois de comunicada a Defensoria Pública. Alguns detentos usam objetos cortantes, mas devem devolvê-los, ainda que estragado, ao fim da jornada. “Os presos valorizam a participação no projeto, aconselham uns aos outros. O trabalho ocupa a cabeça deles”, resume o diretor de Segurança do Aruana, Manoel Marcos Lima Barros, que também é pastor e usa seu conhecimento religioso para administrar o rebanho encarcerado. ■



Adriano Bandeira

ALMA cooperativista

Um dos precursores do cooperativismo na Paraíba, Agostinho dos Santos é hoje uma referência do segmento em sua região

Em 2014, ele recebeu uma expressiva homenagem do Sistema OCB: um troféu durante a solenidade de lançamento do Prêmio Agostinho dos Santos, de âmbito nacional

Mais da metade da vida de Agostinho dos Santos, nascido em 22 de abril de 1941 em Esperança, interior da Paraíba, é dedicada ao cooperativismo, setor do qual ele

é um dos principais precursores em sua região. Com atuação expressiva à frente da Secretaria de Agricultura do estado (1982-1983), seu Agostinho tornou-se uma referência cooperativista na Paraíba ao atuar como presidente do Sistema OCB do estado em sete gestões: 1975-1980, 1988-1991, 1991-1994, 1997-2001, 2001-2003, 2003-2007 e 2007-2011.



Tamanha dedicação à causa lhe rendeu, no ano passado, uma importante homenagem: a criação de uma honraria com seu nome, o Prêmio Agostinho dos Santos, que passa a distinguir trabalhos bem-sucedidos realizados por instituições cooperativistas de todo o país. “Foi um orgulho muito grande”, conta. “Quando soube que essa premiação levaria meu nome, me senti bastante lisonjeado. Esse tributo reflete o reconhecimento do meu trabalho e também do trabalho de todos aqueles que contribuíram e ainda contribuem para a expansão do cooperativismo no Brasil”.

Seus primeiros contatos com a doutrina cooperativista se deram quando ele estudava na Escola Agrotécnica Vidal de Negreiros, instituição do município de Bananeiras, no interior do estado, ligada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Posteriormente, cursou economia na UFPB e, na universidade, principalmente por influência do economista **Celso Furtado** reforçou seu empenho em especializar-se nessa área.

“Por acreditar nessa prática frutífera, fui fazer uma pós-graduação sobre cooperativismo de crédito e de agronegócios, em Wisconsin, nos Estados Unidos”, conta. “Esse investimento acadêmico me rendeu bons frutos. Quando retornei, em 1968, fui trabalhar na Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e também na Secretaria de Agricultura do Estado



Os ideais cooperativos sempre estiveram presentes em minhas ações. O associativismo voltado para o desenvolvimento fez e faz parte da minha vida. ”

Celso Furtado (1920-2004), intelectual e economista paraibano de projeção internacional e intensa atuação no processo democrático brasileiro, foi um dos pilares da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), criada em 1959, no governo de Juscelino Kubitschek, com o objetivo inicial de encontrar soluções para diminuir, progressivamente, as desigualdades entre as regiões geoeconômicas do Brasil.

da Paraíba, da qual fui titular. Tenho muito orgulho de ter trabalhado nessas instituições, que sempre apoiaram o desenvolvimento do cooperativismo.”

O engajamento nas causas de seu estado é uma constante nas atividades de seu Agostinho, que também já foi assessor de Ernani Sátiro, que governou a Paraíba entre 1971 e 1975. Desse tempo ele guarda muitas histórias, e uma, especialmente, até hoje lhe traz risos: “Tenho o mesmo nome de um cantor que fez muito sucesso nas décadas de 1960 e 1970, Agostinho dos Santos. Esse cantor faleceu em um acidente de avião, em julho de 1973. Ao tomar conhecimento do acidente, o governador achou que quem tinha morrido era eu. Extremamente irritado, ele perguntou aos outros assessores: ‘Quem autorizou o Agostinho a viajar?’ Teve como resposta várias gargalhadas”.

Antes de ocupar o posto de presidente do Sistema OCB/PB, Agostinho atuou no Departamento de Assistência ao Cooperativismo, o antigo DAC, órgão que, à época, era ligado ao Governo do Estado da Paraíba. “Comecei a trabalhar como membro da OCB da Paraíba depois de uma reformulação que ocorreu no Estatuto da OCB Nacional”, lembra. “Após essa reforma, foram criadas as organizações das cooperativas nos estados. Naquele momento, eu ajudei a implantar a Organização Cooperativa Estadual (OCE) paraibana. Esse envolvimen-

to aconteceu de forma espontânea, em virtude do meu histórico de liderança e de dedicação ao cooperativismo.” Na unidade paraibana da OCB, ele também já foi superintendente.

O vínculo com os ideais cooperativistas, enfim, é o que permeia toda a trajetória de seu Agostinho. “Os ideais cooperativos sempre estiveram presentes em minhas ações. O associativismo voltado para o desenvolvimento fez e faz parte da minha vida. Devido a problemas de saúde, hoje, infelizmente, não tenho mais condições de participar ativamente de ações cooperativistas, porém tenho acompanhado o movimento por meio da imprensa e por intermédio de muitos amigos que ainda atuam no segmento. É uma forma de manter vivo o meu elo com o cooperativismo”, conclui.

Um dos legados positivos do cooperativismo na vida de Agostinho dos Santos, ele destaca, é o profundo conhecimento sobre agronegócios e a certeza de que ações visando ao bem coletivo geram bons resultados. “Minha experiência serviu para ratificar o fato de que a união e o trabalho em conjunto são as melhores formas de obter benefícios para o coletivo e, além disso, facilitam o acesso às políticas públicas”, avalia. “Eu vejo o cooperativismo como um instrumento promissor para o desenvolvimento do Brasil e isso me deixa muito feliz, com a sensação de dever cumprido.” ■



Um grande amigo cooperativista que eu adquiri por herança. Agostinho já era um amigo de meu pai, Rubens de Freitas, com quem conviveu no mundo cooperativo, e até viajaram à Alemanha na década de 1970, por conta de estudos cooperativistas. Homem dedicado à família e aos amigos, fez do cooperativismo sua bandeira, dedicando sua energia e inteligência para que a sua querida Paraíba e o Brasil pudessem ser melhores com cooperação. É um prazer e uma honra conviver com esse grande líder.”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB



Através de seu trabalho, Agostinho conquistou o respeito e uma relação de confiança entre cooperados, associados e dirigentes e tornou-se uma referência, pois, além de estudar, também vivenciou a realidade de todas as cooperativas do estado da Paraíba. Essa dedicação contribuiu para que hoje a Paraíba ocupe um lugar de destaque na área do cooperativismo, na região Nordeste, principalmente no ramo do cooperativismo de crédito. Eu me sinto extremamente satisfeito por poder dar continuidade ao trabalho realizado por ele aqui em nosso estado.”

ANDRÉ PACELLI,
presidente do Sistema OCB/PB



NOSSO BRASIL

MÚSICA E ARTE



para formar cidadãos

Fundada a partir de uma orquestra, Musiart, em Minas, divulga cultura e abre oportunidades de crescimento a comunidades carentes

O segmento cultural tem aumentado sua participação no cooperativismo brasileiro, que, cada vez mais, demonstra afinidade com a dinâmica das artes. A música é um dos exemplos. Assim como ocorre com as cooperativas, as orquestras funcionam no coletivo - a harmonização do conjunto reflete em música agradável e bem-afinada. Quem chama atenção para esse fundamento comum é o maestro Edvandro Antônio da Silva, presidente da Cooperativa de Arte e Música de Minas Gerais (Musiart), fundada em 1996, e regente da Orquestra Musiart.

No caso das orquestras, analisa ele, o produto final é a sinfonia, que encanta plateias. As cooperativas, por sua vez, beneficiam comunidades inteiras. “Na orquestra, o maestro coordena os músicos, mas todos eles têm a mesma importância”, atenta. “Assim como em uma cooperativa, não existe uma importância hierárquica, todos os cooperados têm o mesmo poder de participação.”

É orientado por essa filosofia que o maestro tem marcado presença com a orquestra em concorridos eventos realizados em Belo Horizonte e nas cidades de Contagem e Ribeirão das Neves, situadas na periferia da capital mineira. Mas o trabalho da Musiart vai além de apresentar produto de qualidade para entretenimento do público: fundamentalmente, as ações são focadas na formação cidadã. A Musiart oferece aulas de teatro, pintura e musicalização infantil. O foco são as

“Assim como em uma cooperativa, não existe uma importância hierárquica, todos os cooperados têm o mesmo poder de participação.”

EDVANDRO ANTÔNIO DA SILVA,
presidente da Musiart



áreas de vulnerabilidade social, segmento que, em 19 anos, beneficiou mais de 2,6 mil jovens com oportunidades de estudar e ter uma formação profissional.

Criado em uma família de músicos - o pai era sanfoneiro, a mãe cantora e o avô maestro -, Edvandro cursou regência e orquestração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formação que, no fim das contas, despertou seu interesse pelo cooperativismo. Antes de entrar na faculdade, chegou a estudar violino, mas seu objetivo sempre foi tocar saxofone. “Mais tarde, quando comecei minha carreira acadêmica, tive a oportunidade de estudar saxofone, mas me formei com um instrumento emprestado, pois minha condição financeira da época não permitia que eu comprasse um”, lembra.

“Por esse motivo, o ideal de cooperar me acompanha desde o início da minha carreira como músico”.

O maestro destaca que a Musiart ajudou a inserir no mercado profissionais e novos músicos formados por ele e por outros professores que lecionavam na Faculdade Newton Paiva, em Belo Horizonte. “A cooperativa Musiart surgiu da Orquestra Newton Paiva”, conta. “A orquestra foi crescendo com a adesão de vários músicos, e, a partir desse aumento de contingente, sentimos a necessidade de organizar a instituição. O objetivo inicial era manter o contrato com a Faculdade Newton Paiva, mas hoje temos a nossa autonomia.”

O saxofonista Marcelo Ferreira, sócio-fundador da Musiart, reforça as vantagens de sistematizar as ações: “O bom de trabalhar em uma



Fotos: Bruno Sparda

As apresentações movimentam praças públicas em Belo Horizonte

cooperativa é que tudo é dividido de uma forma justa. Em caso de lucro, a metodologia é bem simples: se sobrou, a gente divide entre os cooperados; se não sobrou, não há divisão. Na nossa cooperativa, todos participam de tudo e têm a mesma importância nas decisões”.

A Musiart não cobra taxa de adesão nem custo para permanecer associado. Funciona como uma facilitadora de seus cooperados, estreitando as negociações com empresas, instituições de ensino e outros possíveis parceiros.

Hoje, muitos alunos são músicos profissionais. Na condição de associados, eles podem emitir nota fiscal de serviço e têm acesso a financiamentos para compra e manutenção de seus instrumentos de trabalho.

OS COOPERADOS

Há 15 anos lecionando técnica vocal e piano na Musiart, Edlene Luciana da Silva relata que, quando recebeu a proposta para se associar, enxergou a oportunidade de compor um grupo coeso e profissional. Atualmente, ela atende mais de 30 alunos em Esperança e Confidentes, bairros da periferia de Belo Horizonte. “É extremamente gratificante poder atuar em comunidades, é muito bom contribuir para o crescimento e para a profissionalização de uma pessoa”, exalta. “Já ti-

“*Pretendo viver de música, quero entrar em uma faculdade e seguir a carreira de cantor.*”

MICHAEL DE JESUS,
membro mais novo da Orquestra da Musiart



ve alunos com histórico familiar de envolvimento no mundo do crime, e que hoje, graças à música, seguem por outro caminho. A música é disciplinadora, e essa condição favorece o processo de aprendizagem nas crianças e a formação de cidadania.”

O cooperado e professor de flauta Hudson Ednei da Silva, integrante da Musiart desde a fundação, endossa a ideia de que a música ajuda a evitar o envolvimento com a marginalidade: “Eu atuei por 12 anos em uma comunidade onde a violência era presente no cotidiano. No início não foi fácil, mas, com o tempo, as pessoas foram aceitando a nossa presença e, a partir daí, as coisas começaram a melhorar. A música tem esse poder de fazer as pessoas repensarem seus objetivos de vida. Tive a oportunidade de frequentar as casas de vários alunos, ter contato com os pais deles e acompanhar a evolução desses meninos na escola. Isso gerou uma aceitação muito grande, na comunidade, em relação ao nosso projeto. Até hoje tenho contato com esses alunos. Além de professor, me tornei amigo de vários deles, servindo como uma referência positiva”.

NOVOS RUMOS

Michael de Jesus Silva, 13 anos, é o membro mais novo da orquestra Musiart, fazendo parte do coro. Morador de uma comunidade carente, ele vê na música uma forma de se profissionalizar. “Na igreja, soube da oferta de aulas de música e procurei a cooperativa. A minha vi-

“Há financiamentos com condições bem favoráveis, e isso, a meu ver, é uma forma de ofertar cultura e educação a quem necessita.”

LUÍZ HENRIQUE LEAL

da mudou muito desde quando comecei a estudar canto, foram abertas várias portas. Só o fato de fazer parte da orquestra já é uma grande vitória. Pretendo viver de música, quero entrar em uma faculdade e seguir a carreira de cantor”, conta.

Aluna de canto e componente do coro da Musiart há 11 anos, Alessandra Romualda, 32, vive em uma comunidade onde a violência marca presença. Ela soube das aulas por intermédio da irmã,



que também foi aluna da Musiart. “Hoje sou uma educadora social e vejo a música como uma forma de salvar as pessoas do crime, pois é uma maneira de mostrar outro mundo, de abrir portas e, acima de tudo, de educar”, avalia.

Há 14 anos na orquestra, onde começou sua carreira, o baterista Luiz Henrique Leal, 34, também vive de música. “A Musiart, por fazer parte da cooperativa, auxilia as pessoas que querem estudar e não têm dinheiro para comprar instrumentos”, afirma. “Há financiamentos com condições bem favoráveis, e isso, a meu ver, é uma forma de ofertar cultura e educação a quem necessita.”



“A música é disciplinadora, e essa condição favorece o processo de aprendizagem nas crianças e a formação de cidadania.”

EDLENE SILVA,
professora de técnica vocal e piano



Fotos: Bruno Spada

A Orquestra começou pequena, mas hoje é referência nacional

A ORQUESTRA

Com 53 músicos no quadro atual, a Orquestra Musiart começou pequena, mas, hoje, é uma referência regional. Ao longo de 22 anos de estrada - sua fundação, em 1993, é anterior à criação da cooperativa -, tem muita história para contar. A primeira viagem para uma apresentação fora de Belo Horizonte é uma delas. Contratados para um evento em Peçanha, no interior de Minas Gerais, os músicos enfrentaram 12 horas de percurso em um ônibus precário e, ao chegarem, de cara foram informados de que a ponte de acesso à cidade havia caído. Tiveram de atravessar por uma pinguela. “Nesse momento, metade dos músicos quis sair de dentro do ônibus”, lembra Edvandro. “Mesmo assim, seguimos em frente. Quando chegamos ao local da apresentação, descobri-

mos que não havia estrutura de som para a orquestra, nem hotel, nem restaurante... Não tinha nada”, diverte-se.

A orquestra trabalha com clássico, MPB, pop e internacional. As apresentações são realizadas em eventos variados, tanto em teatros quanto ao ar livre. Para Edvandro, há uma simbiose entre a cooperativa e a orquestra: uma vive para manter a outra. “Nós nunca pensamos na cooperativa como um meio de aferir lucro”, ressalta. “O dinheiro que entra é para investir na orquestra e na logística para as aulas.”

SÁBADO COOPERATIVO

Criado em 2008 por uma iniciativa do Sistema Ocemg, o Projeto Sábado Cooperativo, inicialmente chamado Cooperativismo e Arte nos Parques de BH, tem co-

mo meta levar à população o conhecimento dos valores cooperativistas. O evento acontece em praças e parques da capital mineira, nas principais datas comemorativas do ano.

“A ação é uma forma de valorizar as cooperativas”, resume a gerente de capacitação do Sistema Ocemg, Andréa Sayar. “Temos como base o sétimo princípio do cooperativismo, que é o interesse pela comunidade. Quando promovemos eventos, abrimos as portas da Ocemg e do cooperativismo para a população. Levamos cooperativas que expõem os seus serviços e produtos. Uma das principais atrações é a Musiart, que agrada o público em todas as edições do Sábado Cooperativo.”

Em 16 de maio último, a Praça Duque de Caxias, no centro de Belo Horizonte, foi palco de mais uma edição do Sábado Coopera-

tivo, em comemoração ao Dia das Mães. Ana Dalva Guimarães, mãe do saxofonista Sandro Roberto Guimarães, comemorava: “Eu não perco uma apresentação. O som dessa orquestra é fantástico, é um verdadeiro presente poder assistir a uma apresentação desse porte em uma praça pública e de graça”.

Na plateia, outra a elogiar a organização do evento foi Rosana Peluso, que, assim como Ana Dalva, já participou de várias edições do Sábado Cooperativo: “Para mim, a orquestra é a melhor parte. O repertório é bem selecionado, a apresentação é muito emocionante. É um prazer levantar sábado pela manhã para ouvir essas músicas. Eu recomendo o programa para pessoas de qualquer idade”.

Hudson Ednei participa da Musiart desde sua fundação e defende que a música ajuda a inibir o envolvimento com a criminalidade.



ACÕES

O estande da Ocemg distribuiu cartilhas com diversas informações sobre o movimento cooperativista. O destaque era um painel interativo no qual usuários de smartphones respondiam a perguntas sobre o tema. A intenção foi trabalhar o assunto de uma forma lúdica. Já no espaço da Uniodonto-BH, os visitantes receberam dicas de escovação e cuidados bucais. E, pelo segundo ano consecutivo, a CoopSaúde ofereceu serviços de aferição de pressão, peso e índice de massa corpórea (IMC).

A Cooperativa Nacional de Apicultores (Conap) também esteve presente com exposição de produtos, degustação de mel e sorteio de brindes. A Unimed-BH manteve no local uma ambulância, a fim de atender casos de emergência. A Aurora Alimentos, de Santa Catarina, participou do Sábado Cooperativo pela primeira vez, divulgando o projeto “Família é tudo”, com orientações sobre economia doméstica e planejamento financeiro para controlar os gastos.

As crianças tiveram acesso a diversas atividades, como espaço recreativo e oficina de pintura facial, além de terem assistido à apresentação de um mágico. Houve distribuição de balões, pipoca, algodão doce, produtos apícolas e ingressos para passar um dia em um hotel fazenda da região. As mães ganharam rosas. O evento contou com a parceria da Cangaral Produções Artísticas e do Parque do Avesruz Hotel Fazenda, e com o apoio da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), do Governo de Minas Gerais e da Prefeitura de Belo Horizonte. ■

“ Vejo a música como uma forma de salvar as pessoas do crime, pois é uma maneira de mostrar outro mundo, de abrir portas e, acima de tudo, de educar. ”

ALESSANDRA ROMUALDA,
componente do coro da
Musiart há 11 anos





O capital social das cooperativas

OCB marca conquista com emenda à Lei Geral das Cooperativas

Iniciamos este ano anunciando que o sistema cooperativista comemorava uma de suas maiores vitórias na luta pelo esclarecimento do conceito contido na interpretação técnica ICPC 14 - tradução da Ifric 2 (International Financial Reporting Standards), publicação que contém as normas internacionais da contabilidade.

O texto da ICPC 14 dividia opiniões. Em linguagem contábil, não deixava claro se o Capital Social das cooperativas deveria permanecer classificado em conta do Patrimônio Líquido (Instrumento Patrimonial) ou ser reclassificado para o Passivo (Instrumento Financeiro).

Reclassificar o capital social do Patrimônio Líquido para o Passivo constituiria uma ameaça para a continuidade das cooperativas, pois significaria assumir equivocadamente



Bruno Spada

Marcos Caetano, Consultor da Área de Cooperativas do Martinelli Advocacia Empresarial.

para o mercado que o capital é mais uma dívida da sociedade e não uma garantia a seus credores, causando a desconfiança de que a sociedade não seja sólida o bastante para captar novos recursos.

A conquista deu-se por via de emenda, protocolada pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), à Medida Provisória (MPV) 656/2014, convertida na Lei nº 13.097, de 19 de janeiro de 2015, publicada no *Diário Oficial da União* de 20 de janeiro de 2015, complementando a Lei nº 5.764/1971 (Lei Geral das Cooperativas).

Tive a honra e o privilégio de representar a OCB em sua atuação desde 2005, junto ao Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e ao International Accounting Standards Board (IASB). Desde então, o tema passou a ser o assunto de maior relevância e o mais discutido no âmbito contábil, chegando a ser pauta do como um dos grandes desafios para o cooperativismo mundial até a atualidade.

Cooperativa é uma associação de indivíduos que buscam, nesta forma jurídica, economia de escala, objetivando viabilizar, fortalecer e agregar valor às atividades desenvolvidas, de forma natural. No Brasil, o movimento é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), pela Confederação Nacional das Cooperativas (CN-Coop) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop).

O sistema cooperativista brasileiro tem firmado participação e posição de destaque na economia



Cooperativa é uma associação de indivíduos que buscam, nesta forma jurídica, economia de escala, objetivando viabilizar, fortalecer e agregar valor às atividades desenvolvidas, de forma natural. ”

do país e na construção de uma sociedade mais justa, com base na produção e distribuição de riquezas. São mais de 6,8 mil cooperativas associadas, divididas em 13 ramos de atuação, reunindo mais de 11 milhões de associados e gerando mais de 300 mil empregos diretos, com estimativa de movimentação econômica acima dos R\$ 200 bilhões ao ano.

Na medida em que se desenvolvem economicamente, ampliando seu quadro de integrantes e seus negócios, as cooperativas acabam por envolver-se em questões contábeis e legais complexas. Exemplo disso foram essas discussões em torno do capital social. A ICPC 14, por resolução do CFC, começaria a valer a partir de 2011, mas, por atuação da OCB, ficaria para 2016. Agora, com o advento do contido no Artigo 140 da Lei nº 13.097/2015, provavelmente será revista pelo CFC.

O tema é de uma complexidade tal, que poucos neste vasto mundo cooperativista acompanharam ou entenderam os conceitos, as características e suas possibilidades e alternativas, razão pela qual ainda não houve manifestações maiores na mídia quanto a essa conquista.

O devido esclarecimento agora está incluído na Lei Geral das Sociedades Cooperativas. Por não colidir com a Lei Complementar nº 130/2009 (cooperativas do ramo crédito) e com a Lei nº 12.690/2012 (cooperativas de trabalho), atende a todo o sistema cooperativo brasileiro. Com isso, a OCB passou a ser referência mundial também na solução desse desafio. ■



Alunos da Cooeamstad: produção artesanal de quitutes aumenta a cada dia, gerando recursos que permitem a ampliação das atividades

LIÇÃO que se aprende na escola



Cooperativas escolares de Nova Petrópolis (RS) despertam nos jovens a identificação com os valores cooperativistas

Assembleia, estatuto, livro-caixa, diretoria: no Rio Grande do Sul, adolescentes já vivenciam o cotidiano de cooperados em 39 cooperativas escolares, 33 delas na região de Nova Petrópolis. Criadas por inspiração de um projeto similar da cidade argentina de Sunchales, até o fim do ano elas devem chegar a 49. Paraná e Minas Gerais já estão aderindo à proposta e constituindo as suas, seguindo o exemplo gaúcho. Formadas exclusivamente por estudantes e com um professor responsável por orientar e monitorar o trabalho dos associados, essas instituições escolares atraem alunos que veem nelas uma oportunidade de aprendizado do mundo do trabalho e do espírito de cooperação.

“Na cooperativa, antecipamos vivências do mercado e descobrimos aptidões. É quando podemos errar para aprender”, resume a presidente da Federação das Cooperativas Escolares do Rio Grande do Sul (Fecoopes), Taís Lício da Mota, também à frente da Cooperativa Escolar Frederico Michaelsen (Cooperfred), em Nova Petrópolis.

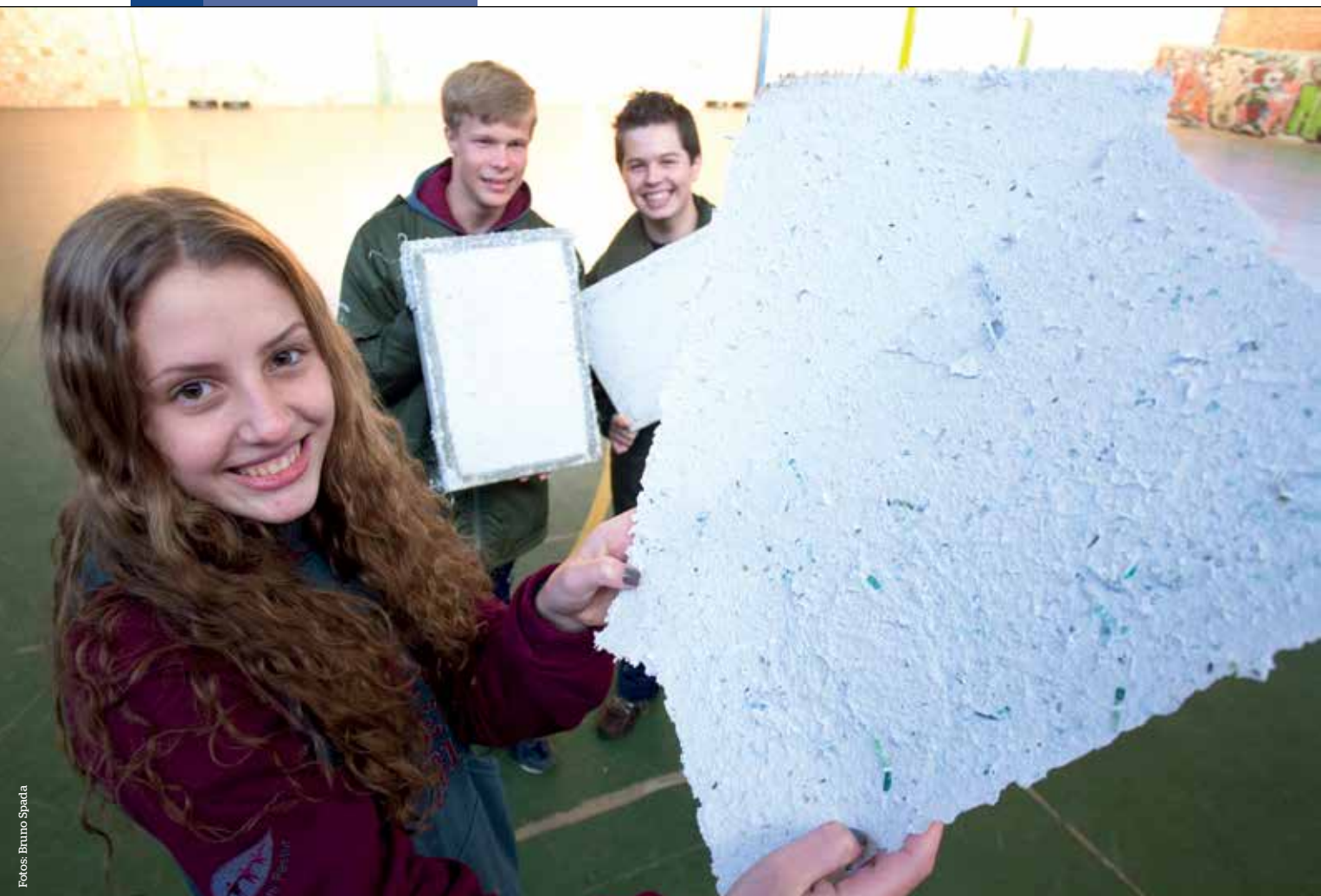
As cooperativas escolares brasileiras, atualmente, reúnem cerca de 1,8 mil associados e funcionam com a mesma estrutura de uma cooperativa convencional. Têm estatuto, assembleias, livro-caixa e departamentos que se encarregam de funções diversas, embora só possam atuar dentro do ambiente escolar. Seus associados produzem itens artesanais que são a fonte de receita, participam de

eventos cooperativistas e, sobretudo, experimentam a cooperação na prática. Por se tratar de um aprendizado, o resultado financeiro ao fim de cada exercício não é o mais importante. O que vale é a vivência. “O produto é o meio de aprendizagem, não o fim”, resume o professor e filósofo Everaldo Marini, coordenador do curso de Cooperativismo Escolar da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis.

Marini é orientador da Cooperativa Escolar Bom Pastor (Coobompa), a primeira a ser organizada na cidade, em 2010. Ao lado da Fecoopes, apoia e orienta a criação de cooperativas escolares. A iniciativa tem, ainda, o suporte da Sicredi Pioneira, por meio do programa A União Faz a Vida. Além de ter sido uma das fontes de inspiração das cooperativas escolares, o projeto da Confederação Sicredi promove, anualmente, uma viagem de estudos de professores e alunos a Sunchales, onde conhecem *in loco* a experiência argentina.

Uma diferença fundamental, no entanto, separa as vivências argentina e brasileira. Lá, as sobras das cooperativas pertencem à escola, enquanto aqui o resultado é utilizado pela própria cooperativa, que geralmente investe em equipamentos ou eventos para os estudantes. Os associados da Coobompa, por exemplo, têm facilidades como cota mensal de fotocópias na escola e participação em viagens de estudo.

Já os jovens da Cooperativa Escolar Padre Amstad (Coeamstad) usaram parte das sobras do ano passado para comprar um for-



Papel reciclado se desdobra em várias peças de arte

no profissional. Antes, os associados-alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Amstad dependiam do empréstimo do equipamento pelo colégio. A confecção de camisetas e a participação em eventos também foram financiadas pela cooperativa, que, na próxima oportunidade, vai adquirir uma geladeira.

AO TRABALHO

As cooperativas escolares desenvolvem atividades quase sempre visando à confecção do item cuja venda reverterá em recursos.

Mas há trabalhos diversos, como a oficina de teatro, na Padre Amstad, e o projeto de jardinagem com a educação infantil, na Frederico Michaelsen. Na linha de produção de Nova Petrópolis, destacam-se as bolachas Padre Amstad - de receita fornecida por uma moradora vizinha da escola -, sacolas de pano, bolachas e caixas decoradas (Cooperfred) e cartões com papel reciclado e sementes, mandalas e guirlandas do cooperativismo (Cooebompa).

Em cidades menores da Serra Gaúcha e algumas de outras regiões do estado, há dezenas de coo-

perativas em atividade. Seus alunos produzem brinquedos, sabão feito a partir da reciclagem de óleo de cozinha, alfajores e outros itens. O apoio da escola é fundamental e, geralmente, as cooperativas utilizam uma sala cedida pela direção para a produção dos objetos e a realização de reuniões.

O comprometimento do associado é levado muito a sério, em especial se ele se envolve com funções diretivas. “É um compromisso, e o aluno pode ter de faltar a alguma atividade extracurricular para participar. Ao mesmo tempo, estimula a responsabilidade. Mas

são valores e experiências para a vida toda. Conhecimento e vivência ninguém tira de ti”, teoriza Taís, com a anuência da vice-presidente da Cooperfred, Poliana Moreira da Silva, e da primeira-secretária, Clarissa Saretta.

Na Coobompa, o presidente eleito este ano tem apenas 14 anos e disposição para o trabalho rara nessa faixa etária. Falante, Pedro Henrique Matté pretende dar seguimento e incrementar o trabalho desenvolvido pelo antecessor, Steven Gabriel Schildt, de 17. Ambos dividem a atenção da repórter, explicando a dinâmica das reuniões, da produção e das oficinas de papel-semente, que originam um cartão para ser plantado. “É muito comum que os produtos (das cooperativas escolares) sejam voltados à questão ecológica”, observa Steven.

Cada cooperativa escolar determina a idade mínima para se associar - em geral, 12 anos. Basta tomar parte nas atividades. Para integrar a direção, no entanto, é obrigatório participar de um curso de 40 horas sobre cooperativismo. “A liderança é um tema bastante trabalhado”, comenta Pedro.

A internet, principalmente com as redes sociais, tem grande peso na divulgação do trabalho e na conquista de novos associados. O Facebook da Coobompa é atualizado em média duas vezes por semana com fotos de oficinas, registros de visitas e convocações para reuniões e eventos. Os associados também promovem palestras, cursos e outras atividades para os demais alunos, no intuito de atraí-los ao projeto.



Pedro Henrique Matté, da Coobompa, exhibe uma das peças produzidas pela ala jovem dos associados. “A liderança é um tema bastante trabalhado”, lembra



Na cooperativa, antecipamos vivências do mercado e descobrimos aptidões. É quando podemos errar para aprender. ”

TAÍS LÍCIO DA MOTA,
presidente da Federação das Cooperativas Escolares do Rio Grande do Sul (Fecoopes),

PARA ENTENDER AS DIFERENÇAS

Cooperativas escolares - cooperativas cujos associados, inclusive dirigentes, são estudantes que contam com a supervisão de um professor orientador. Estão sediadas em escolas nas quais a adesão dos alunos é voluntária. Atualmente, existem 39 delas no Rio Grande do Sul e outras cinco no Paraná e em Minas Gerais, número que deve crescer até o fim deste ano.

Cooperativas educacionais - escolas de ensino regular, que podem ter como associados pais/responsáveis e professores. São estruturadas como cooperativas do Ramo Educacional, possuem CNPJ e gerenciam recursos de maneira coletiva.



Fachada da Sicredi Pioneira: instituição dá suporte à criação de cooperativas escolares

MUDANÇA COMPORTAMENTAL

As cooperativas escolares cumprem uma função educativa, além de serem um laboratório de aprendizagem do cooperativismo e da cidadania. “Configuram, por excelência, um espaço de promoção do protagonismo, da liberdade, da independência e da democracia”, destaca Eduardo Marini.

A mudança na atitude é um dos pontos positivos observados pela coordenadora da Cooeamstad, Célia Weber Hylmann, vice-diretora da escola. Ela cita como exemplo o

próprio presidente da cooperativa, Leonardo Marcon Schneider. Aos 14 anos, Léo, como é chamado, já visitou Sunchales e passou a se interessar mais pela história e importância da Linha Imperial, bairro onde fica a escola e a sede da primeira cooperativa de crédito do país. “Não era muito ligado nas matérias. Passei a ficar mais atento às aulas e amadureci”, reconhece o jovem, enquanto prepara bolachas ao lado dos cooperados Guilherme Felipe Gramms, Mariane Neumann, Ana Júlia Loesch e Edson Rafael dos Santos.

Célia, que participa do A União Faz a Vida, propôs a constituição

da cooperativa na Padre Amstad após uma visita a Sunchales, em 2012. No início, enfrentou oposição da maioria dos docentes, pois o curso de cooperativismo era realizado no horário das aulas. “A resistência acabou quando os professores começaram a perceber que os estudantes ligados à cooperativa melhoravam a participação, a iniciativa e a liderança em sala”, lembra.

Clarissa, da Cooperfred, e Mariane e Edson, da Cooeamstad, destacam outro aspecto particularmente positivo da associação ao cooperativismo: a superação de

barreiras de comunicabilidade. “Eu era tímida, mas na festa de São João tivemos de sair anunciando os produtos, para melhorar as vendas”, conta Clarissa. “A gente vai se soltando porque precisa se apresentar em público”, descreve Edson, que, na Cooeamstad, integra o elenco de um espetáculo teatral sobre a história do cooperativismo em Nova Petrópolis.

HISTÓRIA

A experiência das cooperativas escolares começou no Brasil em 2010, na Escola Bom Pastor, em Nova Petrópolis, e logo se disseminou por cidades vizinhas da Serra Gaúcha. A inspiração foi a cidade argentina que, assim como o município gaúcho, é considerada a capital nacional do cooperativismo. “Em Sunchales, cada escola tem uma cooperativa escolar”, relata Marini.

O título de Nova Petrópolis se deve ao fato de lá ter surgido a primeira cooperativa de crédito do Brasil, com o nome de Caixa Rural. Foi fundada em 1902, no bairro Linha Imperial, a cerca de 5 km do Centro, pelo padre suíço Theodor Amstad. Devido à importância que teve o empreendimento para a economia local, o religioso dá nome a um museu, uma praça e uma escola - aquela na qual funciona a Cooeamstad. No mesmo bairro, em imóvel que já foi sede da Caixa Rural, está a Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, entidade sem fins lucrativos criada com a meta de fomentar a educação e a cultura do cooperativismo na região, além de divulgar o título de Capital Nacional do Cooperativismo. ■

CULTURA DA COOPERAÇÃO

O fomento à vivência dos valores da cooperação está presente em outra iniciativa do Sistema OCB voltada para a juventude. O Cooperjovem, que funciona em nove estados brasileiros, tem como público-alvo educadores da rede pública e de cooperativas educacionais, cujos professores são capacitados a desenvolver temas a serem trabalhados com estudantes de 9 a 14 anos do Ensino Fundamental.

O objetivo é trabalhar a cultura da cooperação com o público infantojuvenil, por meio do Projeto Educacional Cooperativo (PEC). “A metodologia é pautada em posturas democráticas e cooperativas. Mais que transversal, o projeto favorece a participação de todo o meio no qual a escola está inserida”, explica Maria Eugênia Ruiz Borba, gerente de Desenvolvimento Social de Cooperativas do SESCOOP.

Mais de dois mil professores e 90 mil estudantes de 140 municípios já integraram as atividades. Atualmente, o projeto pode ser encontrado em Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins. Para isso, conta com o apoio das unidades estaduais do SESCOOP e de cooperativas que apadrinham o programa.

Embora exista desde 2002, o Cooperjovem passou, em 2012, por um processo de aprimoramento nacional, em uma construção participativa com as unidades estaduais. Desde 2014, a metodologia está unificada no país. “O principal impacto foi a criação de uma identidade no desenvolvimento das ações, respeitando regionalidades e costumes da comunidade em que a escola está inserida”, informa Maria Eugênia.

Na opinião da gerente, é compromisso das cooperativas educar para a cooperação, a solidariedade, a ajuda mútua, a participação e a democracia. “Com o Cooperjovem, podemos construir um modelo diferenciado de relações entre alunos, professores, comunidade e cooperativas, promovendo uma mudança estrutural nas sociedades envolvidas”, conclui.



Fidelizar, estratégia para a solidez

Cooperativas investem em programas para incentivar a participação e a permanência dos associados

Aderir a uma cooperativa implica incorporar princípios, valores e participação em um negócio que é de todos os associados. A correria e a ansiedade da vida moderna podem ser empecilhos para uma presença constante em reuniões e assembleias, mas a criatividade tem sido uma estratégia para fidelização e contribuição do quadro social. Atenção individualizada, plano de previdência complementar, núcleos locais e feira de negócios são algumas iniciativas bem-sucedidas para aumentar o vínculo entre associados e a instituição.

Em Minas Gerais, a Cooperativa Agrícola Mista de Patos de Minas promove anualmente, desde 2004, a Semana Coopatos. O evento começou tímido, com o objetivo de oferecer oportunidades de negócios e capacitação dos cooperados, principalmente por meio da compra de insumos e promoção de palestras e encontros do comitê

educativo. Hoje, shows musicais e até uma agência de automóveis garantem seu espaço no cada vez mais disputado metro quadrado. A 12ª edição será de 24 a 29 de agosto.

“A razão maior foi criar uma forma de aproximação com os cooperados, levar informação e oportunidades de negócios com preços diferenciados”, conta José Francelino Dias, diretor-presidente da Coopatos. “Assim, criáramos uma relação de confiança. E o interesse dos fornecedores também foi crescendo: há parceiros que já reservam lugar com um ano de antecedência.”





Luciana Bastos

Iniciativa que se replicou por toda a região, a feira de negócios enfrentou alguns obstáculos devido ao pioneirismo. Para dissipar a resistência de fornecedores e cooperados, foram criadas caravanas das comunidades - a fim de atrair os associados de localidades mais distantes e suas famílias, que também passaram a ter espaço para expor e vender artesanato feito por eles.

A Semana Coopatos faz parte do calendário oficial de Patos de Minas, atraindo investidores do Brasil inteiro. Neste ano, a expectativa é que arrecade R\$ 20 milhões e atraia mais de 70% dos dois mil cooperados. “O evento dobra o faturamento mensal e tem como resultado maior fidelização, ao criar no cooperado a expectativa pela realização de bons negócios, além do encontro marcado com os amigos”, resume Fran, como é mais conhecido o dirigente da cooperativa.

VIA DE MÃO-DUPLA

Com 1,27 milhão de clientes e atuação em 34 municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, a Unimed BH representa o principal vínculo dos cooperados com a saúde suplementar, segundo pesquisas internas. Mesmo assim, a cooperativa de serviços médicos aposta em valorização dos honorários, promoção de oportunidades de estudo - por meio da Universidade Corporativa - e em benefícios consistentes. Um deles é a Previdência Unimed-BH, lançada

sete anos atrás, em processo definido pelos cooperados durante todas as etapas de elaboração.

Mais de 90% dos 5,6 mil associados aderiram, de forma voluntária, ao fundo de pensão. Em maio deste ano, seu patrimônio acumulado era de R\$ 500 milhões, e, de acordo com pesquisa conduzida pelo Instituto Datafolha, a previdência complementar está entre os benefícios mais bem-avaliados entre os médicos cooperados, com 80% de aprovação. “Desenvolvemos uma política de benefícios e proteção social que valoriza o vínculo do cooperado e procura assegurar-lhe retornos de longo prazo, mesmo quando já tiver encerrado sua vida laboral junto à cooperativa. A previdência complementar é um dos pilares dessa política”, enfatiza Samuel Flam, diretor-presidente da Unimed-BH.

Além da distribuição de resultados, a cooperativa oferece a cobertura de despesas com plano de saúde e anuidades das entidades da categoria e ainda o Fundo Pró-família, valor pago ao cooperado em complemento à sua cota capital e ao seu saldo na Previdência Unimed-BH, até um limite de referência, em caso de aposentadoria, morte ou invalidez do cooperado. “Esses programas somaram mais de R\$ 242 milhões ao montante pago pela produção médica no ano”, descreve o diretor-presidente.

O estímulo à participação dos cooperados no processo de decisão é outro ponto forte. O Por Dentro da Nossa Unimed compreende eventos e iniciativas que reúnem corpo clínico e dirigentes para esclareci-



mento de temas críticos, elaboração conjunta de propostas e tomada de decisão compartilhada. “Tais momentos representam fontes de informação tanto para os cooperados quanto para os dirigentes”, destaca Flam. “Em seis meses, registramos a participação de 3.884 cooperados nos eventos, com índice médio de 93% de satisfação.”

PAMPA CALOROSO

As cooperativas de crédito apostam na fidelização para a aquisição de seus produtos financeiros. Uma das iniciativas mais bem-sucedidas dos últimos anos, o Jeito Pampa Gaúcho de dar Boas-Vindas, foi criada em 2013, pelo Sicredi Pampa Gaúcho. Atualmente, o programa está reformulado: em vez de promover uma reunião a cada dois ou três meses para apresentar a cooperativa aos novos associados, essa recepção passou a ser feita imediatamente após a adesão, de forma personalizada.

“Os associados conhecem os princípios do cooperativismo e passam a entender as vantagens de fazer parte de uma cooperativa de crédito, que, diferentemente de um banco, tem na união de forças o segredo do crescimento coletivo”, explica José Antônio Severo Menezes, presidente da Sicredi Pampa Gaúcho. “Depois do encantamento, o associado sente-se valorizado e busca mais os serviços e produtos da cooperativa.”

Todos os colaboradores são capacitados para explicar as diferenças entre um banco e a cooperativa, bem como apresentar



Desenvolvemos uma política de benefícios e proteção social que valoriza o vínculo do cooperado e procura assegurar-lhe retornos de longo prazo, mesmo quando já tiver encerrado sua vida laboral junto à cooperativa. A previdência complementar é um dos pilares dessa política. ”

SAMUEL FLAM

diretor-presidente da Unimed-BH

a unidade, os serviços e o funcionamento da Sicredi. Enquanto um funcionário cuida do processo de abertura de conta, o recém-associado é levado por outro a uma sala, onde assiste a um vídeo e recebe um livro e um brinde. Ele conhece o nome de seu gerente de conta e é avisado que receberá convites para reuniões da cooperativa.

“O novo Boas-Vindas é fundamental para a perenidade do empreendimento cooperativo. Temos um associado mais participativo, com conhecimento e motivado para participar das reuniões para as quais a cooperativa o convida”, descreve Menezes, que calcula um investimento de R\$ 27 mil no projeto. Em depoimento à revista *Rio Grande Cooperativo*, produzida pelo SESCOOP/RS, o cooperado Lucas Rodrigues Bastos destaca esse diferencial: “O que me surpreendeu foi a forma diferenciada de uma simples abertura de conta. Saio daqui muito feliz e passo a indicar outras pessoas a serem associadas”.

Ainda no Ramo Crédito, a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados dos Vales do Itajaí e Itopocu e do Litoral Norte de Santa Catarina (Blucredi) incentiva a aquisição de produtos financeiros por meio do acúmulo de pontos. No Blucredi Mais, sempre que o associado pessoa física adquire cartões de crédito, aplica seu dinheiro ou faz um seguro, está pontuando. Cada 10 pontos valem cupons para concorrer a prêmios anuais ou resgate na forma de benefícios. Em cinco anos de vigência, 95% dos 62 mil associados ade-

riram ao sistema. “O programa teve grande sucesso desde a sua implantação, gerando resultados positivos, e ainda viabiliza o fortalecimento do cooperativismo no Brasil, pois ressalta as vantagens em se associar a uma cooperativa”, aponta o diretor de Mercado da Blucredi, Jean Carlos de Oliveira João.

CRESCER E PERTENCER

A Fundação Sicredi coordena o Crescer e Pertencer, programas complementares de formação e gestão cooperativa implementados em 2008 pela Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Alto Uruguai RS/SC (Sicredi Alto Uruguai). A meta, organizar o quadro social, tem revelado bons frutos. “É um fator essencial para o sucesso e a longevidade da entidade”, assegura Eugênio Poltronieri, presidente da cooperativa.

Os associados são agrupados em núcleos cooperativos, onde ocorrem os debates e as deliberações sobre os assuntos da instituição. Neles, cada um exerce o direito e o dever de planejar, acompanhar e decidir os rumos da cooperativa. “Os projetos visam à preparação para uma participação mais efetiva e consciente do seu quadro social no dia a dia e na gestão do empreendimento”, resume Poltronieri.

O presidente explica que, antes dessa nova organização, os cooperados precisavam estar presentes à assembleia geral para exercer o direito ao voto. No entanto, muitos vivem a centenas de quilômetros da sede. A distância dificultava, ainda,



Os associados conhecem os princípios do cooperativismo e passam a entender as vantagens de fazer parte de uma cooperativa de crédito, que, diferentemente de um banco, tem na união de forças o segredo do crescimento coletivo.”

JOSÉ ANTÔNIO SEVERO MENEZES
presidente da Sicredi Pampa
Gaúcho

que os associados se mantivessem atualizados sobre o andamento da cooperativa, ficando sem acesso a plano de metas, números, benefícios e outras informações. “Muitos acabavam se afastando”, comenta.

O Crescer mobiliza associados e comunidade para os estudos. É dividido em duas etapas, chamadas de percursos, e para estar habilitado o cooperado precisa obter 70% de aproveitamento. O objetivo é difundir a cultura da cooperação e do cooperativismo, criando condições para que os participantes se capacitem e cresçam. O percurso dos programas é mais focado nos associados que pretendem chegar ao posto de coordenador de Núcleo Cooperativo.

Atualmente, o Programa Pertencer da Sicredi Alto Uruguai reúne 184 núcleos, cada um com 200 associados, em média. As assembleias de núcleo servem para trocar informações, apresentar números e levantar necessidades locais. As decisões são levadas à assembleia geral pelo coordenador de núcleo, eleito pelos próprios membros.

Na avaliação do presidente, essa organização do quadro social contribuiu para o desenvolvimento da cooperativa: com 36.905 associados e R\$ 199 milhões em recursos administrados, no fechamento de 2008, esses dados evoluíram para 58.908 cooperados e R\$ 567 milhões, em abril deste ano. “Podemos considerar que parte deste crescimento foi devida à organização do quadro social através de núcleos, nos quais foi possível fazer um trabalho mais próximo dos associados, o que refletiu nos resultados”, conclui Poltronieri. ■



Divulgação

ERRATAS

Na edição 17, erramos com fotos publicadas em duas matérias.

Em “Prioridades para 2015”, os créditos das fotos são de Guilherme Kardel. Já na página 31 (matéria “Saromcredi, cada vez maior”), o texto-legenda do presidente da Sacromcredi, João Carlos Leite (**foto**), foi publicado com nome trocado. Lamentamos o equívoco.

MUDANÇAS DE CONDUTA

No livro *A Saúde dos Planos de Saúde - Os desafios da Assistência Privada no Brasil*, Drauzio Varella e Mauricio Ceschin defendem que o modelo assistencial da saúde deve mudar, passando de uma assistência pontual e fragmentada para uma dinâmica integrada, preventiva e continuada. O livro aborda várias questões fundamentais ao setor da saúde suplementar: modelo de financiamento; gestão da assistência; comunicação com o usuário; organização das informações; modelo de remuneração de prestadores, médicos e demais profissionais da saúde; alinhamento de incentivos econômicos; avaliação e premiação da qualidade; educação voltada para a saúde e o foco na eficiência.

AGRONEGÓCIO EM ALTA

Lançado em Teresina pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Plano de Desenvolvimento Agropecuário de Matopiba será um importante aliado de produtores locais para ampliar sua participação no agronegócio. Segundo a ministra Kátia Abreu, o aumento da produção de grãos na região, por meio da conversão de áreas de pecuária em áreas agricultáveis, está sendo feito sem desmatamento. “Enquanto no Brasil a produção cresce 5% ao ano, no Mapotiba cresce 20%, e hoje já representa 10% da produção nacional”, assegura a ministra. “Este plano vem para expandir a produtividade por meio da pesquisa e da inovação, priorizar a infraestrutura e aumentar a renda dos produtores”, concluiu.

APRIMORAMENTO

Goiás, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - os maiores produtores de leite do país - são os estados prioritários do projeto Melhoria da Competitividade do Setor Lácteo Brasileiro, elaborado por meio de parceria entre a OCB, a Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC), a Secretaria de Defesa Animal (SDA), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), a Embrapa Gado de Leite (Juiz de Fora/MG) e a Associação Viva Lácteos. O projeto foi apresentado durante solenidade em Brasília à qual estiveram presentes diversos representantes do setor lácteo - entre eles, o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, que avaliou: “Precisamos comemorar, pois nunca tivemos algo que valorizasse tanto um produtor de leite. Com isso, a cooperativa, que é o conjunto dos produtores organizados, também ganha muito”.



MISSÃO INTERNACIONAL

A gerente-geral da OCB, Tânia Zanella, participou de um grupo **(foto)** que, por meio do Programa Internacional de Executivos e Líderes,

visitou os Estados Unidos e o Canadá durante o mês de maio. O objetivo da missão técnica - da qual também participaram representantes do Sistema Ocepar e do Sebrae/Paraná - é conhecer a realidade dos movimentos cooperativistas dos dois países norte-americanos, bem como estabelecer processos de intercâmbio, cooperação e negócios entre as cooperativas brasileiras e as de outras nacionalidades. Entre as instituições visitadas, destacam-se o Complexo Desjardins, a cooperativa agrícola Comax e o Centro de Pesquisa Cooperativista de Quebec da Universidade de Sherbrooke, no Canadá; e, nos Estados Unidos, o Departamento Americano de Agricultura, o Conselho Mundial de Cooperativas de Crédito e as universidades de Madison, em Wisconsin.



É CAMPEÃO

O FGCoop está em alta. “Chegamos ao primeiro ano com todas as cooperativas singulares de crédito recolhendo regularmente suas contribuições, o que retrata o entendimento que o segmento tem da importância do Fundo para o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo, como um relevante instrumento da rede de proteção do sistema, de credibilidade e de segurança para os associados”, ressaltou o presidente do Conselho de Administração do FGCoop, Manfred Dasenbrock. O presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, frisou: “Este fundo único para o cooperativismo de crédito tem funcionado como um seguro aos cooperados de todo o Brasil”.

OCB NO CONGRESSO

Ajudar a promover o aprimoramento da legislação federal em prol do melhor aproveitamento da matriz energética do Brasil é a meta da Frente Parlamentar Mista em Defesa das Pequenas Centrais Hidrelétricas e da Microgeração. A linha de ação da entidade, inaugurada oficialmente no Congresso Nacional com ampla participação do Sistema OCB, é realizar debates estratégicos sobre o projeto de desenvolvimento sustentável do país.

COM AS LIDERANÇAS

O presidente da Ocemg, Ronaldo Scucato, é um dos palestrantes convidados do World Coop Management, a ser realizado em setembro, em Belo Horizonte. O congresso reunirá líderes internacionais em torno de debates e apresentações sobre as novas tendências mundiais em liderança e estratégia, com foco na importância da aproximação do setor cooperativo em eventos de grande porte. Participarão presidentes, dirigentes, superintendentes, gerentes e gestores de cooperativas e entidades do setor. Além de Scucato, outros palestrantes brasileiros confirmados são o médico Eudes de Freitas Aquino, presidente da Unimed do Brasil; Roberto Rodrigues, presidente da Academia Nacional da Agricultura e embaixador especial da FAO para as cooperativas; e o consultor de empresas Cesar Souza, considerado um dos maiores experts brasileiros em estratégia, gestão de pessoas e liderança.

**Roberto Rodrigues,**

coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, embaixador Especial da FAO para o Cooperativismo Mundial e presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)

A origem

Assumi a presidência da Cooperativa dos Plantadores de Cana de Guariba (Coplana) em março de 1973, no finalzinho da grande crise de dez anos que o setor açucareiro havia vivido. O antigo Instituto do Açúcar e do Alcool (extinto no Plano Collor, em 1990) havia montado um famoso Programa de Recuperação da Agroindústria Sucroalcooleira com os abundantes recursos constituídos pela diferença de preço que o Instituto pagava pelo açúcar comprado dos usineiros e o valor pelo qual exportava o produto. Como os preços haviam subido muito no começo da década de 1970 e só o IAA podia exportar açúcar, o instituto pôde financiar plantio de novos canaviais, caminhões, máquinas agrícolas, construções rurais, reforma de usinas e até construção de destilarias anexas para produção de álcool.

Consegui um bom financiamento para a Coplana repassar aos co-

operados máquinas e caminhões. Mas fiquei preocupado com a responsabilidade que a cooperativa agrícola assumia de administrar o programa, sem conhecimento técnico ou estruturas específicas para gestão de tanto dinheiro, e busquei mecanismos de controle mais rígidos. Por outro lado, o próprio Estatuto da Lavoura Canavieira, escrito décadas antes por Barbosa Lima Sobrinho, previa um desconto de 1% do valor da cana vendida pelos fornecedores às usinas, para constituir o capital de cada um numa cooperativa de crédito. Não a tínhamos, de modo que aqueles recursos eram perdidos.

Em 1974, criei, com meus companheiros, uma cooperativa de crédito para os produtores de cana de Guariba, com os ensinamentos de Mario Krueh Guimarães, um notável gaúcho que estava montando um sistema de cooperativas de crédito no Rio Grande do Sul, as chamadas Credis. Tive muita sorte, porque, no

mesmo ano, o Banco Itaú fechou a agência que tinha na cidade, e convidei seu gerente e mais dois funcionários para organizarem a nossa Coopecredi.

Com essa gestão profissional, ficou fácil receber os financiamentos do IAA, com controles rígidos determinados pelo Bacen, o que me trouxe grande tranquilidade. Deu tudo muito certo, levando Américo Utumi, presidente da Ocesp na ocasião, a me convidar para liderar um grupo de trabalho para criar outras Credis no estado de São Paulo. Funcionou tão bem que Pereira Campos, então presidente da OCB, me pediu para criar Credis pelo Brasil afora, o que fiz ao lado do mesmo Mario Krueh e mais Guntolf Van Kaick e Luciano Marcos de Carvalho, este funcionário do antigo BNCC, também extinto no Plano Collor.

Tudo isso ajudou, anos depois, a criação dos bancos cooperativos, que estão hoje crescendo em todo o país. ■

Cooperativismo agropecuário no Brasil

1.597
Cooperativas

1 milhão
Cooperados

161,7 mil
Empregados

As cooperativas agropecuárias estão inseridas em todos os elos das cadeias produtivas:

Produção
Fornecimento e repasse de insumos, máquinas e equipamentos aos cooperados

Armazenagem

30 milhões de toneladas de capacidade estática de armazenagem no Brasil

Varejo
Promovem a venda da produção de seus cooperados, gerando melhores condições de negociação, atuando como balizadoras e referência de preços no mercado





2º Encontro Pan-americano de Jovens Produtores de Leite

Setembro de 2015 | Juiz de Fora, Minas Gerais, BRASIL



Pensar no futuro do mercado internacional de produtos lácteos e debater estratégias para se garantir a sustentabilidade do setor. A pauta será discutida por jovens produtores de leite de vários países durante três dias do mês de setembro, em Juiz de Fora (MG). Totalmente inseridos no campo e no processo produtivo, eles também irão discutir questões relacionadas à inovação tecnológica, sucessão na propriedade familiar e liderança. A programação faz parte do 2º Encontro Pan-americano de Jovens Leiteiros, que ocorrerá entre 15 e 17 de setembro.

